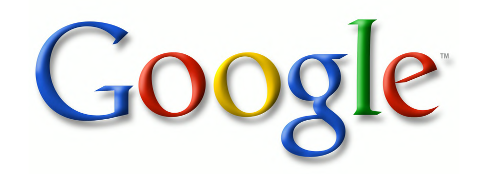
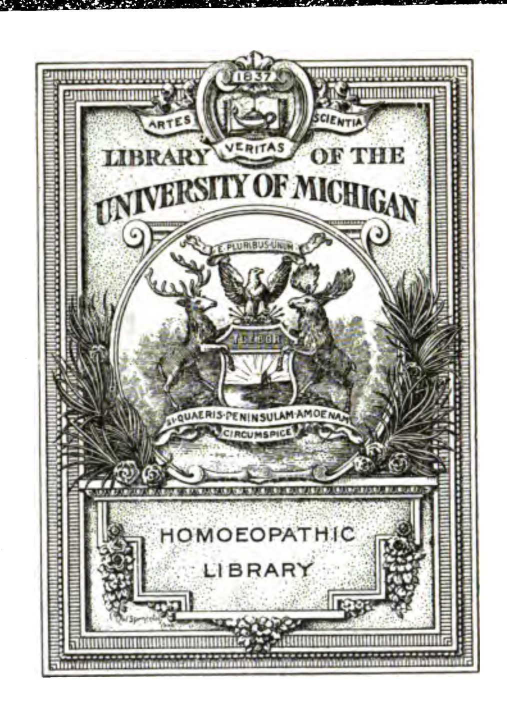
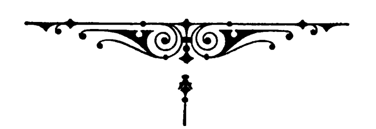



1837
ARTES
SCIENTIA
VERITAS
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
E PLURIBUS UNUM
TUEBOR
SI QUAERIS PENINSULAM AMOENAM
CIRCUMSPICE
HOMOEOPATHIC
LIBRARY



LEITURAS MEDICAS



DR. HELVECIO DE ANDRADE

HOMŒOPATHIA

LEITURAS MEDICAS

La doctrine homœopathique á creé une matiére medicale pure, d'on sont sortis toutes sortes de notions trez precieuses sur les proprietés speciales des medicaments et sur une foule de particularités de leur action que nous ignorons trop en France. Cette ignorance fait que nous ne connessons des agents therapeutiques que leurs proprietés générales les plus grossiéres, et qu'en presence de nuances si variées d'indications nous manquons trop souvent de modificateurs appropriés à ces nuances. (Trousseau et Pidoux, *Traité de therapeutique*, Introduction, pag. LXV).



SANTOS
TYPOGRAPHIA BRAZIL

1899

AO LEITOR

As Leituras Medicas, não são, como bem se póde imaginar, um trabalho original.

Obra de propaganda e, se quizerem, de combate, em um paiz onde a homœopathia vive ainda envolta em denso nevoeiro de duvidas e superstições, apenas agitado, de longe em longe, por uma ou outra conversão sincera, são antes um repertorio do que de mais positivo existe na tradicção e nos trabalhos modernos em favor da reforma therapeutica á que Hahnemann ligou indissoluvelmente o seu nome.

E', pois, um trabalho de compilação o que vou emprehender, sem, todavia, abrir mão do direito de critica.

Apresentar a homœopathia, não como parece á muita gente, mas como ella realmente é, expurgada dos prejuizos que difficultam a sua ascendencia aos espiritos esclarecidos; mostrar que ella assenta em base scientifica e em principios rigorosos e que, por isso, é digna do respeito e da estima dos homens cultos, profissionaes ou não, tal é o fim principal d'este opusculo, que eu não ouso chamar um livro.

—

Logo aos primeiros passos na clinica homœopathica, reconheci a necessidade de incessantes esforços para fazer prevalecer a sciencia sobre as abusões, a Medicina, a Grande Arte, sobre o curandeirismo afouto e inconsciente. Apresso-me a declarar que não sou adverso, em principio, á liberdade de profissões. Quero-a; mas quero-a legitima e bem entendida.

Entre liberdade e licença a distincção faz-se necessaria, para que o abuso e o crime não cavalguem o direito e a justiça.

A lei que permitte á um sapateiro arvorar-se em medico nas horas vagas; a lei que apadrinha tamanha insensatez é por isso mesmo insensata.

Tolera-se, e até protege-se, o curandeirismo irresponsavel; mas veda-se á medicos legitimos a entrada nas faculdades officiaes, sómente porque tiveram a coragem de renunciar ao improbo labôr de arremedar misturas pharmaceuticas, vindas do estrangeiro com o prestigio falso de hypotheticos successos.

Viu-se já maior contrasenso, injustiça egual?...

—

São os medicos *livres* que desmoralisam a homœopathia, fazendo com que se acredite que *aquillo* é cousa tão banal que qualquer fogueteiro póde praticar com vantagem.

São por sua vez os adeptos mais fervorosos que arrastam ao erro os bem intencionados.

A ousadia de uns, a cequeira de outros, a ignorancia de todos, eis ahi o primeiro entre os maiores impecilios ao desenvolvimento scientifico da homœopathia no Brazil.

Já na Europa e na America do Norte, onde vivem cerca de cinco mil medicos homœopathas, não acontece o mesmo; porque o povo, não mais intelligente, porém mais instruido, conhece melhor os seus direitos e deveres.

Todo individuo, que possuir noções de hygiene e therapeutica póde aproveital-as no interior do seu lar, nos casos simples, ao alcance dos seus limitados conhecimentos, compativeis com a sua mui restricta responsabilidade.

Mas ahi deve parar esta faculdade para ter logar a acção do profissional competente.

Mas não é o povo o unico responsavel por estes desvios illicitos; os governos não o são menos.

E' realmente singular que os governos decretem a mais completa liberdade de crenças em materia de religião e queiram impor ás consciencias medicas uma phylosophia e uma medicina officiaes.

Dois pesos e duas medidas.

—

A therapeutica é feita para os doentes e não para os medicos; e neste ramo da medicina, o mais importante, os espiritos systematicos, falhos de critica, são arrastados á erros deploraveis, diz uma notabilidade medica.

Sciencia e Arte, sciencia dos medicamentos e arte de applical-os, a therapeuthica é antes de tudo uma sciencia de observação, de que a clinica é o meio soberano de verificação.

Contra as affirmações da clinica nada pódem as theorias, os systhemas e muito menos as paixões.

De que valem theorias quando a pratica não as confirma?

E' a clinica que diz a medicina *racional:* o que affirmaes pelo raciocinio, em nome da vossa materia medica, que visa sómente uma parte do problema do medicamento, a experiencia clinica nega.

Não é com desdens que se combate uma doutrina, que tem adeante de si cem annos de luctas e successos; é discutindo-a e oppondo-lhe factos positivos.

Com que direito medicos e academias repelem uma therapeutica que se funda em uma materia medica pura, isto é, isempta de hypotheses, porque é experimental, e em indicações segundo a lei dos semelhantes?

Em todos os tempos abundaram theorias e systhemas. A historia da medicina official, da medicina galenica, é a historia de cem theorias e de cem systemas. Que é que tem dicidido do valor desses systemas? A clinica e só a clinica.

—

A lei dos semelhantes é, historicamente, tanto ou mais justificavel quanto a dos contrarios. Já Laerce dizia: *Similium attractione formata corpora esse Leucipus detexit.*

E em Democrito encontra-se este principio geral: *Similia in similia agere posse, similia similiaque petere.*

São testemunhos anteriores á Hypocrates que explicam grande copia de factos da antiguidade medica.

Verdadeiramente Hypocrates nunca procurou formular uma lei geral de Therapeutica; ao contrario, dizia que um medicamento não age sempre do mesmo modo, que um mesmo symptoma póde ser produzido por causas differentes e tratados por meios diversos.

(Hyp. aphorismos, trad. de Littré.)

E' certo, porém, que o pae da medicina formulou em diversas passagens o methodo de curar segundo a lei dos semelhantes.

« O que produz a estranguria cura a estranguria. »

« Vomitus vomitu curatur. »

Si Galeno não tivesse abandonado o caminho indicado por Hypocrates, ter-se-hia chegado logo ao conhecimento da lei dos semelhantes. Mas os grandes erros da medicina galenica fizeram reapparecer esta lei esquecida.

Começou com Paracelso o movimento restaurador. « *Simile sui simile curat*, proclamou Paracelso. Van Helmont repelliu por absurda a lei dos contrarios. Desde então a discussão tomou corpo entre os medicos espiritualistas, ecleticos, hermeticos, methodistas e pneumaticos, denominações que marcam as differentes phases porque passou a medicina galenica e ao mesmo tempo dão uma idéa do cahos em que por longas decadas viveu a medicina official, sujeita ás aventuras de mil hypotheses, mal de que até hoje não poude curar-se.

Thomaz Capanella, Libarius, Angelo Sala, Sennert, defenderam por muito tempo, ora um, ora outro principio.

Chegou o periodo de Sydenham em que a lei dos semelhantes pareceu triumphar definitivamente. «Ducat experiencia, nequa quam vero ratio», dizia este grande medico.

Böerhave, Hoffman, Stahl, sustentaram as idéas de Sydenham.

Mas estes grandes mestres não conseguiram fazer triumphar a lei dos semelhantes, porque faltava-lhes a base indispensavel: a materia medica experimental, o estudo do medicamento no homem são, sem o qual a applicação da lei dos semelhantes á therapeutica impossivel.

Foi emfim Hahnemann quem deu á lei dos semelhantes o fundamento indestructivel da experiencia.

Até esse momento a materia medica era um mixto de legendas absurdas e theorias ridiculas. Ao grande genio do creador da homœopathia deve a therapeutica o ter entrado no caminho fecundo da experiencia e da observação.

Dia virá em que a homœopathia deixará de ser um nome de guerra para ser unicamente a medicina das indicações positivas, baseada na materia medica experimental. Então o espirito de seita desapparecerá e todas as intelligencias se harmonisarão no empenho unico de engrandecer o colossal edificio, de que Hahnemann foi o fundador e Pasteur o mais intelligente operario —a medicina do futuro.

—

Para ultimar, uma explicação e um pedido.

O meu distinctissimo collega e amigo, Dr. Olyntho Dantas dedicou-se ao estudo e á practica da homœopathia.

Escreveu alguns artigos no jornal «O Tempo» de Aracajú, tarefa de que foi distrahido por contestações de um collega allopatha, ás quaes o Dr. Dantas não quiz responder.

Li os artigos do Dr. L... e logo resolvi não deixar passar intactas affirmações tão pouco solidas.

Dahi a CARTA ABERTA ao Dr. Olyntho Dantas, na qual procurei dar uma idéa a mais completa possivel da doutrina homœopathica, segundo Hahnemann, e demonstrar theorica e praticamente a lei dos semelhantes. Soube que o Dr. L... promettera replicar; mas, que me conste, até hoje não replicou cousa alguma, o que é pena.

O pedido que tenho á fazer áquelles em cujas mãos chegar este modesto trabalho, é que leiam-n'o com calma e sem prevenções, e se esforcem por formar um juizo consciencioso á respeito da homœopathia, como sciencia e como methodo de curar.

E' uma felicidade para o homem conhecer o fundamento das coisas e harmonisar as tendencias do espirito com os actos da vida.

Eu não vejo a razão porque o homem intelligente e instruido não procure saber escolher entre um medico allopatha e um homœopatha.

A confiança nascida dos factos vale certamente muito; mas o exame dos factos clinicos não está ao alcance de todos.

Existe um outro elemento que póde servir de base á confiança n'um ou n'outro methodo de curar: é o conhecimento dos principios em que assentam estes methodos e o seu accôrdo com os principios philosophicos, que todo homem instruido deve possuir e zelar.

Entre philosophia e religião a differença é mais apparente do que real, visto que ambas se dirigem ao mesmo fim: o estudo e o conhecimento da vida.

A vida não é propriedade exclusiva aos seres da terra: ella é universal, *una* em toda parte, na terra como nos espaços.

Assim comprehendida, a vida não é uma parte; mas um *todo;* não é uma consequencia, mas um *principio;* não é um effeito, mas uma *causa.*

Ella é immanente ao germen e preside por toda parte os actos materiaes.

Ora, a medicina é a sciencia da vida, isto é, que estuda os meios de defender e conservar a vida.

Este é o titulo de honra que fal-a superior á todas as sciencias.

Ha, pois, a mais estreita ligação entre a philosophia e a medicina.

Sómente, a medicina tem dois alvos distinctos, se bem que intimamente ligados: a vida phisiologica, normal — a saude; e a vida pathologica, anormal — a molestia.

A missão extraordinaria da medicina é dar força á vida phisiologica contra a pathologica, defender a saude contra a molestia.

E' incontestavel que a verdadeira força defensora da vida reside nos organismos mesmos. Um estudo reflectido da vida nas diversas escalas dos seres não justifica outra maneira de ver.

Agora, uma questão apresenta-se terminantemente ao espirito observador: E' *contrariando* as impulsões organicas, como faz a allopathia, ou *auxiliando-as*, como faz a homœopathia que a medicina deve procurar restabelecer a saude?

Eis a questão primordial á resolver.

Comprehendeis a *vida* como um resultado do funccionamento dos orgãos materiaes, isto é, sois materialistas? Deveis então preferir a medicina que se funda nesta philosophia, a medicina organicista — a allopathica.

Comprehendeis a *vida* como um principio autonomo, immanente ao germen, que regula e dirige os actos materiaes, isto é, sois espiritualistas ou vitalistas?

N'este caso deveis repellir a medicina que se funda na doutrina opposta, deveis abraçar a homœopathia, para a qual a vida é uma *força*, que domina e mantém em equilibrio todas as forças que actuam sobre o organismo e preside ao regular funccionamento dos orgãos.

Quanto á mim não ha questão mais digna de estudo pela sua elevação e pureza do que esta que vos acabo de propôr.

Serei feliz si conseguir interessar algumas intelligencias no estudo de tão importante questão e contribuir para o desenvolvimento e o prestigio da hemœopathia nesta parte da America, onde ella é tão mal apreciada e tão grosseiramente arremedada.

H. A.



PRIMEIRA PARTE

Carta aberta ao Dr. Olyntho Dantas

Prezado collega e amigo:

Tive ensejo de ler alguns de seus artigos, assim como a contestação do Dr. L... A sua delicada e honrosa referencia ao pequeno concurso que lhe prestei no estudo do methodo homœopathico, impõe-me o dever de tomar parte na defeza d'esta grande verdade — a homœopathia —, que afinal, depois de uma lucta de mais de um seculo, começa a ganhar terreno no mundo medico. A sua iniciativa, desfraldando ahi a nova bandeira, agradou-me immensamente. E' preciso que homens de talento e sinceridade vão rompendo o circulo de ferro em que a medicina official tem trancado a Therapeutica, impondo aos que se dedicam á arte de curar uma orientação, cuja supremacia dá por provada antes do confronto de rigor com outra qualquer que, por ventura, possa haver.

Quanto menos formos em numero, tanto mais unidos devemos ser na propaganda da therapeutica homœopathica, que ha de ser a do futuro, a definitiva, mau grado a pretenciosidade da medicina official.

Medicina official! Devemos combater por todos os meios dignos este funesto preconceito que faz do governo o unicò orientador da sciencia.

O governo é a entidade menos competente para cumprir tão elevada missão. Que haja ensino official, nada temos com isso; mas que se conceda a mais ampla liberdade de ensino, que o ensino official não tenha preferencia por esta ou aquella doutrina, por este ou aquelle methodo, eis o que é nosso direito exigir em nome da sciencia e da humanidade.

As mais atrazadas tribus dos nossos sertões possuem conhecimentos de therapeutica que as faculdades ignoram completamente. Este exemplo tão simples mostra á saciedade que ao ensino da medicina tem faltado até aqui esse caracter de universalidade peculiar á tudo quanto é um bem para a humanidade.

Quantos beneficios resultariam do ensino medico que abrangesse todos os methodos therapeuticos, ao doutorando ficando a liberdade de filiar-se á um ou outro, de accôrdo com as suas tendencias e convicções philosophicas? Quantos horisontes novos abertos á intelligencia e á observação do practico? Que mal adviria do estudo da homœopathia em nossas faculdades de medicina? Porque esse exclusivismo estreito, incompativel com as vistas da sciencia, que deve abranger todos os horisontes? A hydrotherapia, a electrotherapia,

occupam um logar no ensino das faculdades; porque a homœopathia, que não é um systema, mas um methodo, não ha de ter um?

A hydrotherapia, a electrotherapia, agem por ventura segundo a lei dos contrarios? E' preciso ainda proclamar bem alto que a homœopathia já fez a grande prova do tempo e que é cada vez maior o seu progresso nos grandes centros civilisados da Europa e da America.

Eis aqui um quadro demonstrativo do desenvolvimento da homœopathia nos Estados Unidos:

Sociedades medicas homœopathicas		. . .	168
Hospitaes	»	. . .	140
Collegios e institutos	»	. . .	20
Jornaes	»	. . .	31

Em França, Inglaterra, Italia, Allemanha, Austria, Belgica, existem notaveis institutos, hospitaes e revistas.

Hão de convir os nossos adversarios em que não é possivel que tantos milhares de medicos sejam *especuladores*, amavel epitheto com que os mediocres costumam mimosear-nos.

Não é tudo, ainda.

Mestres allopathas têm publicamente reconhecido o merito da homœopathia.

Sob o titulo — Isopathia; methodo Pasteur por via interna — o Dr. Collet publicou ultimamente um livro de grande alcance practico.

Como combater a molestia? Pergunta o autor.

— *Pela força de reacção sufficiente.*

Pensa Collet que a cura se opera pela influencia das tres condicções seguintes:

a) elementos medicamentosos *semelhantes* aos elementos morbidos;

b) elementos medicamentosos em *pequenas dóses;*

c) existencia de partes sãs no organismo doente.

Passando em revista os diversos methodos therapeuticos, resume-os em tres: o *allopathico,* o *homœopathico* e o *isopathico.*

O allopathico, diz Collet, emprega o *analogo affastado;* o homœopathico o *analago proximo* e o isopathico o *identico.*

A lei dos semelhantes é, pois, a que rege toda therapeutica positiva e experimental. Fóra d'ella a therapeutica é méramente palliativa e especulativa.

Eu poderia, meu caro Dantas, dar-me por satisfeito com pedir ao Dr. L... que refutasse ao que ahi fica e por o ponto final. Mas o seu contradictor falou em methaphysica e na falsidade da lei dos semelhantes. E', pois, indispensavel mostrar á S. S. que a lei dos semelhantes é verdadeira e que a therapeutica que d'ella decorre é positiva.

Para isso é mister dar uma vista d'olhos aos principios fundamentaes da doutrina homœopathica, tal como a ensinou Hahnemann.

—

O dynamismo vital é a chave de toda a doutrina. Elle domina a physiologia, a pathologia e a therapeutica hahnemannianas. E' conveniente dizer desde já que Hahnemann não se limitou á fazer reviver a lei dos semelhantes para as indicações therapeuticas. Si assim houvera sido, elle teria, quando muito, arranjado um

novo systema e nunca fundado um methodo rigorosamente deduzido de uma noção physiologica fundamental da vida. Em todos os tempos as doutrinas medicas, que fizeram escóla, basearam-se nos principios philosophicos dominantes. Ainda hoje, duas escólas, a *organicista* ou materialista, em que se inspira a medicina allopathica, e a *vitalista*, desputam entre si a primasia.

Hahnemann é vitalista puro. Muitos autores modernos, dos mais illustres, o são egualmente, taes como Cl. Bernard, Fonsaggrives e outros. (1)

A escóla organicista pretende que a vida é um resultado do funccionamento dos orgãos e que o que constitue a molestia é sómente a alteração anatomica do tecido ou do orgão, a lesão meterial emfim. D'ahi a sua therapeutica dos *contrarios,* composta de anti-febris, anti-hemorrhagicos, anti-phlogisticos, anti-spasmodicos, descongestionantes, therapeutica simplesmente palliativa, que visa um modo de ser da molestia e não a molestia mesma.

Ora, para a escóla vitalista a vida é principio, causa e não effeito, potencia immanente ao germen, sempre activa e presente por toda parte, *força vital*, como a chamou Hahnemann, immaterial como todas as forças, e sem a qual, na phrase de Fonsaggrives, *toda noção de um organismo material em acção é confusa e impossivel.*

---

(1) Cl. Bernard, *Science expérimentale*, 3.ª edição, Paris, 1890. —Fousaggrives, *Principes de therapeutique générale*, Paris.

Taes os pontos differenciaes entre as duas escólas, em rapida synthese.

Eu poderia provar, sem grande esforço que, a tendencia universal da sciencia moderna é toda em favor da doutrina vitalista; mas isso me affastaria muito do meu objectivo.

Vejamos agora, como se comporta a força vital no estado de saude e de molestia.

O organismo *material*, (não o homem) diz Hahnemann, supposto sem força vital, *não póde nem agir, nem sentir, nem nada fazer para sua conservação.* (2)

O caracter essencial d'esta força é ser *dynamica*, isto é, sempre activa e presente por toda parte, e o seu fim principal é manter pela reacção sobre as acções physico-chimicas, voluntarias e intellectuaes, o organismo em equilibrio.

O homem manifesta tres ordens de phenomenos: intellectualidade e vontade; phenomenos physico-chimicos e outros de natureza physiologica que não pódem ser confundidos com os primeiros. A *sensibilidade physiologica* que uns chamaram irritabilidade, outros *incitabilidade*, como Brown, outros irritação, como Broussais, que fez de uma simples noção pathologica a base de um systema physiologico, é uma propriedade do ser vivo que não póde ser confundido com os da materia bruta, nem com os de natureza espiritual.

---

(2) Tal é o estado do homem tornado cadaver, sobre o qual todos os agentes morbidos são inertes.

A temeraria empreza, diz Leon Simon, do materialismo querer dominar a physiologia, só poderia ser levada á effeito pelas argucias da sophistica.

Ha no homem phenomenos que se executam independentes da vontade e da intelligencia, taes como a nutrição, a procreação, etc. Cl. Bernard reconhece que as propriedades da materia não explicam o arranjo mollecular e o conjuncto admiravel de um todo organico em perfeito equilibrio.

Factos materiaes, factos physiologicos, factos de consciencia, eis o que distingue as diversas escalas dos seres e o que não póde ser confundido com as manifestações de um mesmo phenomeno, porque seria levar a confusão, lá onde a distincção se torna necessaria.

Esse arranjo molecular interno, esse equilibrio admiravel de um organismo em acção, não póde ser comprehendido sem a existencia de uma *força* em reacção constante sobre as acções organicas.

Assim como a *attração* é a força que regula a circulação dos astros; a *affinidade* a que preside a combinação de dois corpos; a força *vital* é indispensavel á manutenção do equilibrio das outras forças que actuam sobre o organismo.

Como Newton, Hahnemann não necessitou definir a força vital; como Newton elle estabeleceu-a como um facto e mostrou como ella se comporta.

Os que vêm na doutrina de Hahnemann um torneio deconcepçõesmethaphysicas, enganam-seredondamente. Elle diz: «Nós não podemos conhecer a vida senão de um modo empirico, pelas suas manifestações pheno-

menaes. E' absolutamente impossivel formar uma idéa exacta da vida á *priori* por especulações methaphysicas. »

Quando Hahnemann diz que, sem a força vital o organismo não póde agir, nem sentir, não quer dizer que sem ella o homem deixe de querer e pensar, nem que, privado da força vital, o organismo deixe de obedecer ás leis physicas e chimicas; mas, sómente que elle fica privado de *sensibilidade* e de *acção*. Hahnemann, pois, affasta-se do materialismo, no que elle tem de inaceitavel, do pantheismo de Griesslich, como do animismo de Stahl.

Si o caracter primordial da sciencia reside na simplicidade do principio e no rigor do methodo, a doutrina homœopathica possue este caracter mais que todas.

Unidade da força vital, eis quanto á simplicidade do principio; separação d'esta força de tudo que lhe é extranho e estudo dos phenomenos da vida sem prejudicar a sua natureza, eis quanto ao rigor; finalmente, applicação do methodo á physiologia, á pathologia e á therapeutica, eis os resultados.

—

No estado de molestia a força vital é *desaccordada*, diz Hahnemann, e toda molestia que não é do dominio da cirurgia consiste n'uma *perturbação da força vital*. Esta força, explica elle, é a primeira que se resente da influencia *dynamica* do agente hostil á vida, e os phenomenos morbidos accessiveis aos nossos sentidos, exprimem a mudança, a alteração interna, isto é, a totalidade da perturbação da força vital.

Este enunciado, contém os principios fundamentaes da pathologia de Hahnemann: caracter dynamico da molestia interna, acção dynamica dos agentes morbidos, correlação exacta entre os symptomas observaveis e a molestia.

Toda molestia que não é do dominio da cirurgia, consiste n'um *desaccordo dynamico* da força vital. Ora, a experiencia prova que na evolução de toda molestia a affecção precéde á lesão, os phenomenos dynamicos são anteriores ás alterações anatomicas.

Os chamados phenomenos *precursores* pela escóla allopathica, são para a homœopathica a affecção mesma, a lesão sendo a expressão de um estado mais avançado da affecção.

Chego agora á parte pratica da doutrina, a acção dos medicamentes segundo a lei dos semelhantes: *Similia similibus curantur.*

Devo tocar, ao menos de leve, no dynamismo medicamentoso. De toda doutrina é a parte que se offerece mais obscura, não quanto ao facto em si, incontestavel, mas quanto ao mechanismo da acção.

Hahnemann conclue que, sendo as causas morbidas de natureza dynamica, só dynamicamente poderão ser modificadas. D'ahi toda sua etiologia, dividida em causas *teleologicas, miasma agudo, miasma chronico*, causas psychicas.

A acção dynamica dos medicamentos é um dos principios fundamentaes da homœopathia. Esta acção é incontestavel, prova-o a observação clinica de todos os dias.

De todas as descobertas da homœopathia, dizia Gross, (3) a acção potencial dos medicamentos é a propriedade imprescreptivel de Hahnemann.

A verdade é que os medicamentos tem duas acções differentes: uma material, outra dynamica, potencial, acção manifestada tambem na cura pela hydrotherapia, pela electricidade, pelo hypnotismo, etc.

—

Vejamos agora, como se justifica a lei dos semelhantes.

Todo medicamento introduzido no organismo são, em estado physiologico, produz dois effeitos differentes: um effeito primitivo e outro secundario. E' sobre esta distincção que repousa a noção theorica da lei dos semelhantes.

Todo veneno podendo ser medicamento e todo medicamento podendo ser veneno, factos que todas as escólas reconhecem, é innegavel que o caracter fundamental do medicamento reside no poder de romper o equilibrio das forças organicas pela perturbação levada á força vital.

Esta perturbação se traduz por symptomas morbidos aos quaes chamamos pathogeneticos.

A' principio, passivo sob a acção do medicamento, como sob a influencia de tudo que o cerca, o organismo começa por soffrer as impressões que recebe e depois deixa-se modificar por ellas; mas, logo retoma a sua actividade e reage contra a impressão.

---

(3) Gross, *Experiencias sobre a homœopathia.*

O racciocinio é sufficiente para mostrar que, sendo as duas acções — primitiva e secundaria — oppostas e contradictorias, ambas não podem ser curativas.

A acção curativa reside na propriedade que tem o medicamento de solicitar a reacção da força vital.

Esta propriedade não póde ser contraria, seria absurda suppol-o, mas *semelhante, analoga.*

Que diz a experiencia?

Ouçamos Hahnemann. Um braço que demora longo tempo n'agua, fica em primeiro logar muito pallido e frio (effeito primitivo); mas logo que é retirado d'agua e enxuto, torna-se mais quente que o outro, rubro, como que inflammado (effeito secundario).

Hahnemann cita numerosos exemplos para mostrar que todo medicamento tem duas acções oppostas.

Quantos poderiamos citar ao correr da penna? O café forte estimula em primeiro logar e depois produz somno. O opio produz somno e depois a insomnia; constipa o ventre e depois relaxa-o.

Depois da diarrhéa produzida pelos purgativos, sobrevem a constipação mais forte que d'antes.

Basta, porém, abrir ao accaso qualquer livro de materia medica allopathica, que tem a vantagem da insuspeição, para se reconhecer a verdade.

Agora mesmo tomo de um Berlioz e leio á pagina 148: tartaro stibiado na dóse de 0,001 produz pulso cheio, frequente, irregular; depois o pulso torna-se fraco e demorado, etc. E á pagina 173: digitalis demora os batimentos do coração na dóse 0,50 a 0,1; mas, si

se repete algumas vezes as dóses, a demora não tem logar e observa-se a acceleração, etc. A explicação do phenomeno pela demora da eliminação da digitalis é simples hypothese, não tem rasão de ser.

Segundo Nothnagel e Rosbach a excitabilidade reflexa da atropina é a principio augmentada, depois diminuida. Tratando do opio, diz Rabuteau, tambem allopatha, pagina 500: opio produz nauseas, vomitos, diarrhéa; mas *constipa* em fraca dóse. Na dóse de 15 centigr. opio dilata a pupilla e diminue a audição. Em dóse superior á 20 centigr. a pupilla se *contrahe* e a audição augmenta.

A questão da differença da dóse é sem importancia porque si os medicamentos devessem ter um só effeito, este seria tanto mais evidente quanto maior a dóse, mas sempre o mesmo effeito. A verdade, porém, é que todo medicamento tem dois effeitos oppostos e que ambos não pódem ser curativos.

Fica assim respondido ao seu contradictor as duvidas sobre as *acções oppostas* dos medicamentos, apresentadas em seus artigos.

—

Justificada a noção theorica sobre que assenta a lei dos semelhantes, passo a demonstral-a practicamente.

E' conhecida a celebre questão da acção *synergica* da belladona e do opio, da qual nunca a materia medica allopathica, por erro de origem e de principio, pôde dar uma explicação, se bem que assignale o facto importante da acção no *mesmo sentido* d'estas duas substancias. Não

posso estar a transcrever opiniões e experiencias, que esta já vae longa; mas os factos ahi estão para mostrar que opio é antidoto da belladona e vice-versa. Entretanto, ambos agem no mesmo sentido, isto é, congestionam o cerebro, dilatam ou contrahem a pupilla, conforme a dóse.

A verdadeira e unica explicação é a que resulta da lei dos semelhantes. *Vomitus vomitu curatur*. Cura-se o vomito produzindo o vomito; cura-se hemorrhagias por medicamentos que têm a propriedade de produzir hemorrhagias, como a ipeca em relação ao pulmão, etc.

Cura-se a nephrite pela cantharida que tem a propriedade de produzir no rim uma lesão analoga. O que produz a estranguria cura a estranguria, disse Hypocrates.

Mas é a *vaccinação* e a *serumtherapia* que vem fornecer provas tanto mais completas, tanto mais irrefutaveis, quanto é certo que o desenvolvimento que tem tido ultimamente estes dois processos é devido a importantes trabalhos dos principes da medicina allopathica.

Como agem os *serums* e as *vaccina antitoxicas?*

Em primeiro logar esta acção não é *chimica* e sim *physiologica*, isto é, devida a uma elaboração do proprio organismo, e não á determinado agente medicamentoso ou chimico. Attenda-se bem.

A escóla organicista começa aqui á naufragar.

Analysemos o facto experimental. Um animal recebe uma toxina produzida pelo microbio da diphteria, do tetano ou do cholera. Este animal fornece depois de *um*

tempo variavel um serum que tem a propriedade de prevenir a molestia ou de cural-a, se já desenvolvida.

Segundo experiencias de Metchnikoff, durante os primeiros dias, o sangue da gallinha que recebeu a toxina do tetano é tetanigéno; mas logo perde esta propriedade e no fim de *uma semana* torna-se inerte nos mamiferos os mais sensiveis. Vem um periodo neutro, durante o qual o sangue não é toxico, nem anti-toxico, e só algumas semanas mais tarde o sangue mostra-se evidentemente anti-toxico.

As caïmans conservam por muito tempo a toxina no sangue; no fim de um mez nada de novo, o sangue é neutro; mas 58 dias depois apresenta poder anti-toxico.

Estes factos mostram claramente que os serums immunisantes são o resultado de um trabalho da cellula organica, por isso que o sangue só adquire esta propriedade depois, muitos dias, semanas depois que as toxinas são eliminadas.

Outras experiencias de Metchnikoff provam ainda que certos animaes de sangue frio conservam por muito tempo as toxinas tetanicas sem jamais produzirem serum curativo; o que demonstra que são necessarias certas condições organicas para que o serum se produza. Emfim, outras experiencias ainda, estas de Vailiard e Wehrmann, provam que as propriedades—vaccinante e curativa—pódem existir isoladamente nos serums. Que dizer agora, da completa analogia entre as propriedades dos venenos das serpentes e de certas substancias vegetaes e as dos microbios e toxinas?

Pois bem, as experiencias de Calmete e Delarde, com a *abrina*, principio activo de jequirity, são concludentes n'este ponto.

«Si em um coelho determina-se uma ophtalmia purulenta com a *abrina*, cura-se esta ophtalmia instillando-se no olho doente 2 gottas de serum anti-abrico».

Depois d'isso pergunta-se: os serums agem antagonicamente, pela lei dos contrarios? Responda a logica.

Mas o Dr. Arloing, da escóla organicista ou allopathica, vae tambem responder.

Arloing, fazendo um estudo comparativo dos effeitos physiologicos da toxina e anti-toxina diphterica, conclue: «Si o serum é introduzido no organismo quando a toxina já desenvolveu seus effeitos, *a acção propria do primeiro se reune á do segundo* e precipitam ambas o resultado».

«Não se póde comparar, accrescenta Arloing, esta acção ao *verdadeiro ou falso antagonismo*, tal como se o comprehende em therapeutica geral: ella é antes devida á *synergia* dos medicamentos.

Si Arloing quizesse ser verdadeiro, diria que a acção curativa dos serums é regida pela lei dos semelhantes.

Acção synergica e acção analoga é uma e mesma coisa. Que poderosa licção da acção semelhante dos agentes medicamentosos offerece a tuberculina de Kock, que é um producto da tuberculose, activa nos tuberculosos e *inerte* nos individuos sãos?!

Os factos tirados da serumtherapia provam ainda e de maneira irrefutavel a efficacia das dóses infinitessimaes. A' que elevadissima attenuação não attingem a toxina

depois de ter atravessado toda massa sanguinea até adquirir propriedades curativas depois do 14.º dia da inoculação?

E agora, meu caro Dantas, presumo que o Dr. L... quando fallar em methaphysica deixará em paz a homœopathia. A therapeutica homœopathica é positiva porque é experimental; o mesmo, porém, não se dá com a allopathica que, em todos os tempos tem marchado com as variantes da *moda*, repudiando hoje o que avantajou hontem.



SEGUNDA PARTE

UMA LIÇÃO DO DR. JOUSSET

Que é homœopathia? Sua origem e seu logar na therapeutica (*)

A clinica é a applicação, no leito do doente, da nosographia e da pathologia. Transformal-a em um curso de pathologia, como o fiseram Audral e Trousseau, é desconhecer a sua importancia no concerto das sciencias medicas.

A clinica é arma bem mais poderosa que a nosographia.

Antes de tudo ella é um meio de observação; arma de guerra por excellencia.

Chomel e Bouillaud assim comprehenderam quando serviram-se d'ella — o primeiro para provar os perigos

---

(*) Professada no hospital homœopathico de Saint-Jacques, Paris.

da therapeutica de Broussais, o segundo para justificar o methodo das sangrias.

Calculae, senhores, se nós, os perseguidos da sciencia official, que temos sêde de justiça, estamos ou não dispostos á dar á esta arma toda a força de que é susceptivel. E', com effeito, a clinica que terá de decidir um dia entre nós e nossos adversarios.

Nosso fim é demonstrar pela clinica a superioridade da medicação homœopathica. Trataremos principalmente da therapeutica. Mas nossas demonstrações não teriam valôr algum si não repousassem em diagnosticos exactos.

Com effeito, como concluir da efficacia ou inefficacia de um medicamento em uma molestia si o diagnostico não é bem feito ? Si confundis a synocha com a febre typhoide, a angina pultacea com o crup, o catarro bronchico com a tisica, como concluir, na ausencia do diagnostico rigoroso, pela efficacia dos tratamentos instituidos ?

E' inutil insistir n'uma verdade que se impõe por si mesma. Tratemos de questão mais importante.

Que é homœopathia ? A homœopathia é toda a therapeutica ? Qual é a sua importancia *vis-á-vis* das outras medicações.

O que tem chocado os medicos e o publico na homœopathia é o seu lado extraordinario e paradoxal.

Para muitos a homœopathia é representada por esta proposição : os *medicamentos são tanto mais energicos quanto menor é a dóse ; o globulo é a synthese da nova*

medicina. ISTO É ABSOLUTAMENTE FALSO; é *uma caricatura e não uma difinição, que não convém mesmo aos intransigentes da infinitesimalidade.*

E' muito commodo collocar o adversario em um terreno ridiculo para chegar á uma victoria facil; mas jamais os combates contra moinhos de vento passaram por triumphos.

Nós protestamos absolutamente contra esta difinição fantasista da homœopathia.

Que é, pois, a homœopathia e qual a sua genése?

Póde-se dizer que o fim do seculo 18.º e mais da metade do 19.º foram consagrados á fundação da anatomia pathologica e á constituição das especies morbidas. Laennec, que estabeleceu a especie — tisica — era um grande anatomo-pathologista.

O triumpho da doutrina da *essencialidade* das molestias, tal como a difiniu J. P. Tessier, nosso mestre, doutrina que é corollaria da homœopathica, é a grande obra do nosso seculo. Bazin e Trousseau, contribuiram muito para a vulgarisação d'esta verdade.

Ao lado d'outros trabalhadores vivia na Allemanha um homem que emprehendeu a tarefa ingente de reconstituir a arte de curar, desprestigiada.

Hahnemann foi possuido sobretudo da idéa de curar as molestias. Como procedeu?

Lendo os factos de cura contidos na tradição, estudando no homem a quina e outros medicamentos, Hahnemann reconheceu que as curas mais autenticas eram operadas por medicamentos proprios á produzir no homem desordens analogas ás da molestia curada;

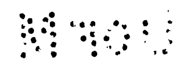
que a quina, que produzia um movimento febril semelhante ao da febre intermittente, curava esta molestia; que a cantharida, que produzia a ischuria, curava a ischuria; que o chumbo, prescripto com successo na antiguidade contra a constipação, produzia uma constipação enorme; que o cobre, o enxofre, o mercurio, curavam pelas mesmas rasões as convulsões, as hemorrhoidas, a dysinteria. (4) O espirito de Hahnemann tinha, pois, comprehendido o valôr do axioma: *Similia similibus curantur.* Esta lei, formulada por Hypocrates, cuja superioridade tinha sido presentida por Storch, Van Helmont, Haller e Stahl, deveria ainda ficar esquecida?

Hahnemann comprehendeu — e é esta a concepção verdadeiramente genial do fundador da homœopathia — que a lei dos semelhantes só seria applicavel depois de conhecidas as propriedades dos medicamentos sobre o homem são. Como encontrar em um medicamento o semelhante de uma molestia antes de conhecer os seus effeitos physiologicos sobre o homem em saude?

O estudo da materia medica experimental impunha-se e foi Hahnemann o primeiro que comprehendeu isso e poz em execução. Com o seu senso medico profundo, suas faculdades sobrehumanas de trabalho, emprehendeu elle, só, essa obra de gigante.

Hahnemann começou á experimentar os medicamentos em si mesmo e em seus discipulos. Desde este momento a reforma therapeutica estava garantida

(4) Hahnemann. Organon. Curas homœopathicas devidas ao accaso.



e a homœopathia fundada sob os fundamentos indestructiveis da materia medica experimental, que Hahnemann denominou — *materia medica pura* — isto é, isempta de hypotheses, ao inverso da tradiccional, composta de hypotheses caducas e de affirmações contradictorias.

Essa primeira reforma foi acceita universalmente, não que se proclamasse o merito do seu creador; mas porque uma reforma therapeutica era aspiração geral.

Veremos porque foi negado á Hehnemann toda justiça.

Emquanto os discipulos de Hahnemann, dispersos pelo mundo, engrandeciam a materia medica com novos estudos, medicos da escóla adversa auxiliavam e comfirmavam estes trabalhos pelas experiencias sobre os animaes.

A historia dos envenenamentos, de que Hahnemann tanto proveito tirou, era sobretudo explorada pelos medicos das duas escólas.

Hoje, possuimos uma materia medica deante da qual Bichat seria obrigado á confessar a sem rasão de seu septicismo, porque ella é *pura*, experimental.

Saudemos, pois Hahnemann, senhores, como o pai legitimo da therapeutica moderna, porque sem materia medica não ha therapeutica possivel.

Mas então porque esta furia contra os homœopathas; porque estes odios; estas perseguições, de que não escapou o glorioso fundador, insultado e tangido a pedrada de cidade em cidade?

Eu não quero refazer a historia da maldade e da bestidade humanas (betise) historia já feita a proposito de todas as reformas, historia que infelizmente na especie humana é a do passado, é a do presente e será a do futuro... Voltemos ao assumpto e indaguemos as causas que excitaram a maioria dos medicos contra Hahnemann e seus discipulos.

Não foi a lei dos semelhantes restaurada. Ella tinha por si a antiguidade; os maiores medicos consideraram-n'a como devendo ser um dia a solução da therapeutica.

Stael dissera: A regra de tratar as molestias pelo *contrarios* é falsa e absurda. Eis ahi uma profissão de fé homœopathica; entretanto ninguem se lembrou de atirar pedras á Stahl, cuja grande estatura continua a ser uma das mais bellas da tradicção medica.

Modernamente Bretonneau e Trouseau reconheceram o valor da lei dos semelhantes; mas o odio que estes autores votaram á homœopathia, levou-os á inventar a medicação *substitutiva*, verdadeira escamoteação, que será sempre uma prova de estima d'estes autores pela homœopathia e ao mesmo tempo um exemplo da sua insigne má fé.

Não é, pois, a materia medica, nem a lei dos semelhantes a causa da repulsa de Hahnemann e de sua escóla. A pedra de escandalo é a dóse infinitesimal, é o globulo. Emquanto Hahnemann empregou dóses ponderaveis, por menores que fossem, gosou da consideração de seus collegas. Mas, quando elle passou a prescrever *systhematicamente* as altas deluições, o reformador tornou-se revolucionario; e si a verdade fosse

passivel de morte, ha muito teria perecido a obra de Hahnemann.

N'essa guerra, meus senhores, os nossos adversarios têm sido sempre injustos e nós nem sempre temos tido rasão.

Nossos adversarios tem sido sempre injustos, recusando-se á verificar clinicamente as nossas affirmações. Jamais o racciocinio provará que ha alguma cousa ou não ha cousa alguma n'uma 30.ª diluição. Só a clinica é competente n'este terreno; e, sendo a therapeutica, uma sciencia de observação, é preciso observar em logar de perseguir.

Mas, senhores, os primeiros homœopathas nem sempre tiveram rasão; elles fizeram mal acceitando como verdadeiras todas as opiniões de Hahnemann.

Nos ensinamentos do mestre ha erros que nós repellimos O primeiro é a exageração das dóses infinitesimaes. Este erro teve por causa a supposição de que a acção das dóses infinitesimaes era devida á *força* que cada diluição communicaria ao mdicamento.

As diluições extendem o medicamento em uma grande quantidade de liquido; ellas tornam-n'o mais absorvivel, supprimem as acções violentas e perturbadoras; mas não augmentam a força medicamentosa por uma especie de electricidade desenvolvida á custo das triturações, como se tem pretendido.

Um certo grupo de medicos homœopathas, persuadidos de que as diluições successivas augmentavam a potencia medicamentosa, pretenderam preparar medicamentos até a 40.000ª diluição... Eu não sei porque pararam elles em tão bello caminho!...

Nós temo-n'os pronunciado cathegoricamente contra esta escóla dos altos dilucionistas; suas illusões só pódem ser explicadas por erros gravissimos de diagnostico. Em summa, esta escóla perde cada dia terreno; em França, Inglaterra e America, a tendencia geral é em favor das baixas diluições.

—

Seduzidos pela immensa superioridade da homœopathia os primeiros discipulos de Hahnemann pretenderam que a homœopathia era toda therapeutica. Eis o segundo erro.

A homœopathia é um ramo, o mais importante sem duvida, mas emfim um ramo da therapeutica.

Ella não póde substituir e preencher a medicação *palliativa* nos casos incuraveis; nem a *antidotaria* e a *parisiticida* no tratamento da sarna e dos vermes intestinaes; nem a *hydroterapica*; nem a *electrica*.

A homœopathia não é, pois, toda therapeutica; uma syntese verdadeira da therapeutica deve abranger todas as medicações collateraes, como um practico que visa ao maior bem dos seus doentes, deve em certos casos acceitar qualquer medicação que possa concorrer para o fim supremo da medicina — a cura ou o allivio dos doentes.

Assim comprehendida, a homœopathia não é uma seita medica; mas collocada em seu legitimo logar, julgaes que ella perde a sua grandeza e importancia? Não, meus senhores, a homœopathia é a *therapeutica das molestias internas*; ella repousa sobre uma base solida — a materia medica experimental e sobre uma lei positiva de indicações — a lei dos semelhantes.

Ella ensina que a dóse do medicamento não deve estar sujeita á moda, aos prejuizos e aos systemas, mas unicamente á clinica, á observação e á experiencia.

Ella *ri-se do homœopatha que pretende curar a febre intermittente pela 30.ª diluição de sulfato de quinina*; mas ella ri-se tambem do medico, escravo de prejuizos, *que recusa ensaiar os medicamentos nas dóses que a clinica tem determinado* e que, depois de ter se apropriado *surrateiramente* das applicações homœopathicas do cobre no cholera e da drosera na coqueluche, para não falar senão das mais recentes apropriações da nossa materia medica pela allopathia, obstina-se em prescrevel-os em dóses enormes, sem ter em consideração as indicações segundo a lei dos semelhantes.

Si eu quizesse, senhores, como é meu direito, passar da defeza ao ataque, e perguntar á escóla allopathica que é que ella tem á oppôr a esta homœopathia detestada, que responderia ella ?

« Que crê, sem estar bem convencida, que a febre typhoide é uma molestia parasitaria e que a therapeutica RACIONAL aconselha n'este caso o emprego de um parasiticida qualquer (quinina, acido salicylico, etc.), posto que Vulpian tenha *honestamente* declarado que para matar um microbio no sangue seria preciso uma quantidade de salicylato capaz de matar o doente.

O cholera é tambem devido á um microbio, posto que micrographos de alto renome tenham affirmado que *o tal microbio não existe nos casos fulminantes*.

Aqui ainda os parasiticidas deviam ter *racional* emprego, mas a fantasia da therapeutica official tem

tratado cholericos pelas injecções de morphina em Toulon e pelas injecções de serum artificial em Paris, d'onde uma mortalalidade de 87 °/₀.

A tisica é ainda devida á um bacillo ; é preciso matal-o, assim grita a therapeutica *racional ;* então perfura-se as cavernas, injecta-se um parasiticida qualquer e... os doentes morrem mais depressa. E' na Allemanha que estas bellas coisas se fazem em nome da therapeuthica racional.

Assim, sobre uma hypothese, isto é, que os parasitas são a causa das molestias, vós instituis uma therapeutica *energica*, visando ao microbio e matando o doente, como diz Jacccud.

Mas si todas as molestias são devidas aos microbios, é preciso fechar as faculdades, dar camphora em todos os casos e elevar uma estatua á Raspail, o primeiro inventor dos parasitas e dos parasiticidas.

Si se quizesse fazer a historia da therapeutica allopathica, achar-se-ia sempre este culto á hypothese, esta mania de therapeutica racional, o que prova a pouca solidez dos seus principios. Depois dos tonicos, as sanguesugas de Broussais que, por sua vez, cedeu o logar aos tonicos, alguns annos antes da *moda* dos microbios.

E é com semelhante therapeutica que quereis combater a homœopathia ! A lucta não duraria um anno si a therapeutica official não tivesse todas as posições nas escólas e nos hospitaes.

Ella tem contra nós um só argumento valioso: o da força. Ella nos tem excluido dos concursos e

chamado de charlatães. Charlatães! Harvey e seus discipulos tambem assim foram tratados. A faculdade appellidou-o de *circulator* que quer dizer ao mesmo tempo — charlatão e partidario da circulação.

Mas a circulação era uma questão de physiologia experimental e era impossivel abafar por muito tempo a verdade; emquanto que a homœopathia é uma questão de therapeutica, de observação, que tem de luctar com o amor proprio e que fére interesses pecuniarios. Os homœopathas fazem em Paris uma terrivel concurrencia aos professores da academia. *Inde iræ.*

Si eu vos propuzesse a seguinte experiencia: tomarmos um hospital em Paris, comprehendendo dois serviços de medicina, com 100 leitos cada um; em um far-se-ia homœopathia, no outro allopathia, não durante oito dias, mas durante trez annos; a experiencia seria fiscalisada pelo director dos hospitaes, acreditareis que ella fosse concludente, que ella demonstraria a superioridade do methodo que realisasse maior numero de curas?

Pois bem, esta experiencia foi feita no hospital Marguerite, hoje Trousseau, em 1849, 1850 e 1851.

Tessier experimentava a homœopathia, seus collegas Valleix e Marotte denunciaram-n'o á Davaine, director da Assistencia Publica.

Davaine respondeu que tinha por costume respeitar a liberdade dos medicos do hospital; mas que em virtude do seu cargo official, cumpriria o seu dever... Algum tempo depois Davaine apresentou a estatistica dos serviços de Saint-Marguerite.

Eil-a:

Serviço allopathico: 3724 entradas; 411 mortos, media 11,3 %.

Serviço homœopathico: 4663 entradas; 339 mortos, media 8,55 % !!!

Cumpre notar que a duração das molestias foi menor no serviço homœopathico, porquanto entraram no mesmo espaço de tempo, sendo o mesmo o numero de leitos, mais 939 doentes do que no serviço allopathico.

Que se respondeu a esta estatistica? Nada; porque não havia o que responder. Nossos adversarios tomaram o unico partido que lhes convinha, guardaram silencio. Nós, porém, lembraremos sempre esta estatistica para gloria da homœopathia e confusão dos nossos adversarios.»

—

A natureza e o fim d'este trabalho permitte-me accressentar á explendida lição do illustre homœopatha francez, algumas notas acerca das dóses infinitesimaes e da estatistica do hospital de Saint-Marguerite.

E' effectivamente a dóse infinitesimal a pedra de escandalo, o pomo de discordia entre as duas escólas therapeuticas reinantes.

A exageração das dóses infinitesimaes pelos primeiros homœopathas e pelos *dilettantes*, é sem duvida o erro que mais tem atiçado as iras da escóla official contra a homœopathia.

Nota. — Todos os gryphos encontrados na transcripção são meus.

Prescrever systematicamente em todas as molestias e á todos os doentes a 30.ª diluição ou outra qualquer, é emprestar á homœopathia um caracter que ella não tem, nem póde ter, sciencia e arte como é, o absolutismo de um dogma ante o qual as consciencias devem prostrar-se sem exame.

Uma therapeutica que só tem uma dóse para todos os casos, uma therapeutica sem posologia, será o que quizerem, menos therapeutica.

Todas as diluições são activas conforme as molestias, seu grau de intensidade, sua marcha e um pouco tambem conforme os doentes. Só a clinica é aqui competente para fixar a escolha da dóse efficaz n'um ou n'outro caso particular.

Ommi dosi, é a regra que a clinica permitte estabelecer, isto é, ora dóses infinitesimaes, ora dóses medias, ora dóses ponderaveis.

E' assim que a quinina age melhor em dóses ponderaveis e em dóses fortes na febre intermittente franca, ao passo que é em dóse infinitesimal que ella cura a surdez,certos eczemas a certas affecções cardiacas.

E' assim que o mercurio deve ser dado em dóse ponderavel (1.ª ou 3.ª trit.) na syphilis primitiva, em quanto que é em dóse infinitesimal que elle cura a dysinteria, certas molestias da garganta e do figado.

E' assim que *phytolacca* age maravilhosamente nos engorgitamentos da glandula mamaria, evitando quasi sempre a absedação, em dóse infinitesimal ;. mas em certas inflammações da garganta é em dóse ponderavel (1.ª dil. ao decimo, ou mesmo tinctura) que deve ser dada.

Póde-se dizer que a trigesima diluição é o limite das altas attenuações homœopathicas hoje usadas.

Muito excepcionalmente encontra-se nas diversas clinicas algum caso de applicação de medicamentos em dóse superior á 30.ª diluição. São communs as applicações das 12.ª, 18.ª e 30.ª diluições.

O distincto cavalheiro que, no momento em que escrevo, superintende os negocios aduaneiros n'esta cidade, soffreu durante mezes de uma nevralgia facial intermittente, typo terção. Costumava debellar os accessos pela quinina; mas elles voltavam regularmente, como succede sempre que a quinina não é indicada. *Nux vomica* 30.ª curou esta nevralgia em poucos dias difinitivamente.

O raciocinio, diz Jousset, jamais conseguirá provar que ha alguma cousa ou não em uma 30.ª diluição. Só a clinica é competente n'esta questão.

Quantos segredos occulta ainda a chimica? As propriedades *allotropicas* de certos corpos não estão ainda explicadas. O phosphoro, por exemplo, aquecido durante muitos dias perde suas propriedades venenosas.

De um modo geral póde-se dizer que as altas diluições agem melhor nos casos chronicos, as medias nos casos subagudos, as baixas nos casos agudos e graves.

Não é uma regra absoluta; mas a mais geral que a clinica permitte estabelecer.

Na febre perniciosa a quinina só age em dóses fortes. A materia medica justifica o emprego das altas dóses de quinina na febre perniciosa.

Os que pretendem ter curado esta molestia com dóses infinitesimaes ou mesmo attenuadas de quinina, são victimas de erros grosseiros de diagnostico.

E' certo que a 1.ª e a 3.ª trituração ao decimo de quinina, bastam muitas vezes para curar a febre intermittente franca.

Possuo muitas observações concludentes e a clinica dos praticos americanos é rica de provas n'este sentido. Mas, casos ha em que estas dóses são insufficientes.

Tenho ouvido de individuos,que praticam a homœopathia, a narração d'essas curas imaginarias de febre intermittentes agudas pela *china* e pela quinina em altas dynamisações.

Mas que confiança merecem taes affirmações, feitas por pessôas que não conhecem a sciencia do diagnostico, a pathologia e a nosographia medicas?

Nenhuma.

Insisto n'estas considerações porque é preciso destruir o prejuizo popular, segundo o qual a hemœopathia seria incompativel com a prescripção da quinina em dóses substanciaes.

Não é sómente a dóse que faz o homœopatha; mas tambem, principalmente, o principio que inateravelmente rege as indicações therapeuticas.

Vejamos como a materia medica justifica o emprego da quinina em dóses substanciaes no tratamanto da febre perniciosa, sem fugir á lei dos semelhantes.

Quanto mais moderada fôr a dóse do medicamento experimentado no homem são, tanto mais claros serão os symptomas primitivos; ao contrario, quanto maior

fôr a dóse, mais confusos os symptomas obtidos, confusão que resulta da mistura dos effeitos primitivos com os secundarios, de sorte que nem só a imagem da acção medicamentosa é imperfeita e vaga, como ha desordem na evolução dos symptomas pathogénéticos.

Já Hahnemann havia estabelecido esta lei, que estudos posteriores de materia medica confirmaram plenamente.

De facto, si a experimentação é feita com dóses moderadas, obtem-se symptomas igualmente moderados, obedecendo á uma evolução regular; mas si a dóse é exagerada, 3, 4 grammas de quinina, por exemplo, os symptomas precipitam-se *desordenadamente*, assumem certo grau de gravidade que póde ir até ao envenenamento, pondo em risco a vida do paciente.

A quinina assim experimentada, dá no primeiro caso a imagem fiel da febre intermittente franca, com estadios claros de frio, febre e suor, e no segundo a imagem da febre perniciosa, cujo caracter principal consiste na violencia e no predominio de um sobre os outros estadios e n'essa precipitação de desordens graves, as quaes exigem um tratamento excepcionalmente rapido e energico.

A condição essencial da homœopathicidade de um medicamento á uma molestia é que elle *desenvolva no organismo são symptomas e lesões analogas aos da molestia.*

Ora, são as fortes dóses de quinina que produzem symptomas analogos aos da febre perniciosa; logo, em casos inequivocos d'esta molestia é em dóses fortes e pela fórma que garante uma rapida absorpção que a quinina deve ser dada.

A escóla franceza de homœopathia estabeleceu a seguinte regra, que convém reter : *deve-se dar em cada caso particular a dóse que é capaz de no individuo são produzir symptomas e lesões analogas aos da molestia.*

—

Nem sempre, porém, a quinina cura a febre intermittente, o que prova que a sua especificidade é limitada aos casos simples, francos e recentes, sem outros phenomenos especiaes. Mas, nos casos antigos, ou mesmo nos recentes, quando applicações bem feitas falham, seu emprego importa em pura perda de tempo.

Os accessos são cortados, mas voltam sempre e com maior intensidade. Então insistir no medicamento é reunir uma cachexia medicinal á produzida pela molestia.

O mesmo se póde dizer de outras molestias, a nevralgia periodica, por exemplo, que a malaria póde determinar.

Si é de origem recente, a quinina póde extinguil-a; no caso contrario, ella é impotente e nociva.

E' então que outros medicamentos homœopathicos são chamados á curar esses casos inveterados, julgados intrataveis pela therapeutica allopathica. A homœopathia possue uma vintena de medicamentos que curam a febre intermittente. *China, arsenicum, diadema, flos solis, nux vomica, plumbum,* e ainda outros, triumpham quasi sempre da febre intermittente chronica.

Algumas observações tomadas á excellente clinica do Dr. Jousset e outras da minha clinica particular confirmarão melhor estas asserções.

DEMONSTRAÇÃO CLINICA DAS DOSES INFINITESIMAES

OBSERVAÇÃO L. JOUSSET — CLINICA SAINT-JACQUES — VOL. 2.º PAG. 389

«A' 15 de Fevereiro de 1882 tive de prestar cuidados á M. H.

M. H. é um homem de 64 annos, gordo, corado, levando uma existencia muito activa, portador de arthrite gottosa no joelho direito.

Ha 3 dias acha-se doente de nevralgia sub-orbitaria esquerda, voltando por accessos, todas as manhãs.

A dôr começa lentamente e attinge á maior intensidade ao fim de 3 horas; depois decresce progressivamente. Apresenta 3 horas de augmento, 1 de estado e 3 de declinio. Trata-se de nevralgia intermittente, bem caracterisada, typo quotidiano, indicando o sulfato de quinina. Mas este medicamento, prescripto por um collega allopatha, falhou e eu, d'isso avisado, não insisti. No 4.º dia prescrevi *nux vomica*, 6.ª para tomar no intervallo do accesso.

No 5.º dia o accesso fez-se apenas sentir ás 11 horas da manhã.

Continúa *nux vomica*.

No 6.º dia o accesso reapparece ás 2 horas com violencia.

Nux vomica 12.ª

No 7.º dia não houve accesso.

Continúa *nux vomica* 12.ª

No 8.º dia um muito fraco accesso.

Nux vomica 30.ª

A' partir d'este momento a nevralgia desapparece difinitivamente.

Este mesmo individuo tinha já soffrido da mesma molestia, ha 5 ou 6 annos, sendo curado por mim com o mesmo medicamento na 30.ª diluição.»

OBSERVAÇÃO LI — FEBRE INTERNITTENTE DO PANAMÁ

«F... 22 annos de idade, foi atacado de febre intermittente em Panamá com engorgitamento do baço. Inutil dizer que quinina foi dada com vigor por diversas vezes. O medicamento cortava os accessos, mas não curava a molestia.

A' 28 de Maio de 1881, Adriano R. chegava ao isthmo de Panamá, na qualidade de empregado no transporte de materiaes. A' 28 de Julho adoeceu e á 1.º de Agosto entrou no hospital, onde permaneceu até 14 de Setembro. Os accessos eram quotidianos, appareciam á tarde e duravam até o dia seguinte: Tomou sulfacto de quinina na dôse de 1 gramma por dia, sulfato de ferro, quina, etc.

A' 24 de Setembro deixou o Panamá e voltou á França.

A' 8 de Novembro entrou em La Charité, serviço de Desnos. Deixou este hospital á 22 de Novembro e entrou em La Pitié, serviço de Andouy, onde esteve até 22 de Janeiro de 1882, sendo ahi tratado de anemia, engorgitamento do baço, etc. O tratamento observado foi composto de ferro, digitalina, visicatorios.

De 1.º á 16 de Fevereiro, todos os dias, accessos de febre com dôres nos rins e na espadua direita. Os accessos começam ás 7 horas da manhã e terminam ás 3 horas da tarde.

A' 16 de Fevereiro deu entrada em Saint-Jacques. O doente é alto, de côr amarella palida O baço é volumoso e na face interna da coxa direita ha um ponto doloroso á pressão.

PRESCRIPÇÃO: *China* 30.ª

Dia 17. Apyrexia. Mesmo tratamento.

Dia 18. Entre meio dia e 2 horas frios e febre á 38° 6. Mesmo tratamento.

Dia 19. Apyrexia. Mesmo tratamento.

Dia 20. Accesso. Temperatura 40° 2.

Dia 21. Apyrexia. Mesmo tratamento.

Dia 22. Accesso. Temperatura 40° 3.

PRESCRIPÇÃO: *nux vomica* 30.ª

Dia 23. Apyrexia. Mesmo tratamento.

Dia 24. Accesso. Temperatura 38°. Mesmo tratamento.

Os dias 25, 26, 27 passam-se sem novos accessos.

Suspende-se *nux vomica* 30.ª e a 2 de Março voltam os accessos. Volta-se ao medicamento na mesma diluição e o doente restabelece-se. A' 1.° de Abril ainda está comnosco; não teve mais febre e o estado geral é bom. »

E, agora, accrescenta Jousset, ides suppôr talvez que todos os medicamentos attingem a sua maior potencia na 30.ª diluição. Guardae-vos d'esta seducção, *deixarieis a experiencia para cahirdes na rotina e no systema.*

Lembrae-vos que a nossa therapeutica repousa na materia medica experimental. Eu vos affirmo que

durante 7 annos cliniquei em um paiz de febre intermittente e que *nunca curei um só caso com o sulfato de quinina na 30.ª diluição.*

Que devemos concluir d'estes factos, pergunta Jousset?

Primeiro que a dóse curativa *varia com as molestias e com os medicamentos;* segundo que é impossivel negar a acção das dóses infinitesimaes.

—

Todos os gryphos são meus. Citando observações do eminente homœopatha francez e seus proprios commentarios, tenho em mira offerecer aos descrentes da homœopathia provas indiscutiveis do seu engano, appoiadas por uma auctoridade na materia que reune ás suas qualidades de practico de mais de 40 annos e de autor justamente apreciado á de ser estrangeiro, tanto é certo que n'este paiz *o que vem de lá* tem uma força de convicção que não logram possuir os mais conscienciosos trabalhos dos nossos patricios.

Em segundo logar quero mostrar aos medicos *livres* que a therapeutica, seja qual fôr, não é livro para ser folheado por todas as mãos

Não basta possuir um ensebado e caduco formulario de Cokrane ou Bruchner e uma grande dóse de ignorancia ou de audacia para que alguem se julgue habilitado a praticar a homœopathia, confiado na innocuidade das quintas diluições centecimaes. Si estas diluições são algumas vezes efficazes para certos medicamentos e para certas molestias, deixam de ser muitas outras em grande numero de casos. Só a clinica é capaz

de guiar o medico na escolha da dóse, que varia conforme o medicamento e a molestia. A materia medica, que o homœopatha deve estudar á toda hora, indica os medicamentos homœopathicos á tal ou tal molestia determinada; mas a clinica é indispensavel á escolha do medicamento apropriado dentre os que a materia medica indica. Sem a clinica far-se-ha tratamento ao accaso.

Ora, sem a condição de um diagnostico exacto da especie morbida, é impossivel aproveitar os dados extraordinarios da observação clinica.

Si ajuntarmos á tudo isso que os formularios de que se servem os leigos, como guias, nada contém da experiencia clinica dos auctores, chegaremos a conhecer os limitadissimos elementos de que pódem dispor individuos sem instrucção medica, muito dos quaes leem apenas o seu idioma.

A practica da homœopathia por pessoas do povo, tem infelizmente produzido em torno da nova therapeutica um certo descredito entre homens, bastante instruidos para procurarem conhecer a rasão das coisas, mas absolutamente incapazes de comprehender a acção dos medicamentos homœopathicos.

Já mostrei a sem rasão dos que julgam que as dóses elevadas de quinina são incompativeis com a verdadeira homœopathia. A quinina é homœopathica á febre intermittente; sómente é erroneo o systema de querer curar todos os casos com dóses infinitessimaes, pois, como vimos, as dóses variam conforme as molestias nos seus differentes graus e conforme os medicamentos.

Um outro prejuizo, não menos absurdo, é o de suppôr que a homœopathia não sabe curar a syphilis recente. De onde vem esta inverdade, esta injustiça? Da practica inepta dos rotineiros ignorantes da materia medica e da clinica, que produzem desastres todas as vezes que querem curar a syphilis recente com dóses infinitesimaes de mercurio. Tão pouco ha necessidade de administral-o nas dóses allopathicas costumeiras, de 5 centigrammas por dia e mais, dóses que produzem quasi sempre accidentes desagradaveis.

Bastam-nos, sem perigo de provocar salivação e outros accidentes proprios do mercurio, para curar a syphilis recente, pequenas dóses da 1.ª ou 3.ª trituração de mercurio.

Com mercurio dá-se o mesmo que com a quinina; nem sempre cura a syphilis e as vezes é contra-indicado. Vem então a vez dos outros anti-syphiliticos homœopathicos, entre os quaes 2 são importantes: o acido nitrico e o bichromato de potassio (nitri acidum e kalibichromicum).

Devo dizer alguma cousa sobre a medicação iodurada, pelo iodureto de potassio, em altas dóses, segundo o methodo allopathico.

Este medicamento é algumas vezes indicado e nós damol-o na 1.ª decimal; mas fóra das suas indicações muito limitadas, os seus effeitos em altas dóses são méramente palliativos. Os accidentes mais incommodos diminuem ou mesmo desapparecem sob a acção do iodureto de potassio na dóse de 1, 2, 3 grammas por dia; mas estas melhoras são transitorias e cessam com a ausencia do medicamento.

Pratiquei a allopathia 10 annos e sei com que frequencia se prescreve lá o iodureto de potassio para ajuizar bem dos seus resultados.

Mas, nenhum medico tem o direito de recusar, por systematico, lançar mão, seja de que meio fôr, para aliviar os soffrimentos dos seus doentes, quando cural-os não fôr possivel.

UMA PROVA DE EFFICACIA DAS DOSES ATTENUADAS

A seguinte observação serve de prova da efficacia das pequenas dóses de iodureto de potassio.

«F... 28 annos, solteiro, empregado do commercio, morador á praça da Republica. No dia 26 de Maio do corrente anno apresentou-se no consultorio a reclamar tratamento para um estado rheumatico do joelho esquerdo, que, ha dias, o affligia muito.

Até então não havia tido febre.

No dia seguinte, 27, fui chamado á sua residencia: o rheumatismo propagara-se rapidamente ao pé e á mão esquerda. Durante a noite, febre intensa, muita sêde, agitação, dôres violentas nas articulações enfermas, dôres que augmentavam pelo movimento e pela pressão a mais leve.

Apezar do tratamento, logo instituido, pelo aconito e pela bryonia, indicados pela febre e pelos caracteres da dôr, em poucos dias todas as grandes articulações foram affectadas, a excepção da coxo-femoral, que o foi mui levemente O rheumatismo polyarticular agudo estendeu-se ao thorax, á face, á região cervical, cujos ganglios estavam engorgitados, obrigando o doente a uma immobilidade completa.

A febre era de 38°,5, 39°, pela manhã e de 39°,5, 39°,8 á tarde.

De 27 de Maio a 4 de Junho, durante 9 dias foram ensaiados todos os medicamentos homœopathicos communs, sem resultado: bryonia, rhus, actœa racemosa, pulsatilla, acido benzoico, china, chinium sulfuricum e ainda outros.

No dia 5 de Junho prescrevi: kali-iodydricum (iodureto de potassio) 10 centigrammas, agua distillada 300 grammas, para usar 1 colher das de sopa de 4 em 4 horas.

O effeito foi rapido e magnifico.

A' 6 o doente amanheceu sem febre, tendo dormido bem á noite e as dôres diminuido muito de intensidade.

A' 8 pôde levantar-se, andar.

A convalescença foi prompta e, cousa notavel, quasi não emmagreceu o doente.

A formula foi aviada pelos senhores Shelmann & Frota, na Pharmacia Internacional.

Cumpre notar que o doente em questão tem uma lesão chronica do pulmão, da qual já o tinha tratado no começo do anno, lesão que não recebeu influencia alguma da molestia aguda de que soffreu.

E' um dos factos mais extraordinarios da clinica homœopathica: vêr como, depois de 10, 15 dias, de tratamento de uma molestia aguda, o doente cobra rapidamente todas as forças.

Não possue a materia medica homœopathica verdadeira pathogenesia do iodureto de potassio.

Sendo a maioria de seus effeitos devida ao *iodium* que contém, empregamos muito este medicamento e raramente o iodureto.

Para prescrevel-o no caso em questão guiei-me pelo estado constitucional do doente.

Os Drs. Hughes, Hempel, Madden, Drysdale, Parker e outros autores homœopathas, accentuam os bons effeitos do *kali-iodydricum* nos engorgitamentos glandulares chronicos, na escrofula, na bronchocéle.

O Dr. Madden observa mui judiciosamente que as affecções syphiliticas e rheumatismaes e as indurações glandulares, nas quaes o iodureto de potassio se mostra mais efficaz, são da natureza dos *neoplasmas organisados*.

Como já disse acima, o doente em questão é portador de lesão pulmonar chronica (fimatose pulmonar), tem os ganglios cervicaes indurados, indurações que se tornaram dolorosas durante a affecção rheumatismal. Além d'isso não foi esta a primeira vez que o paciente soffreu de rheumatismo agudo. Em tudo isto é facil seguir a evolução de um estado diathesico.

A 1.ª diluição decimal é a dóse geralmente usada pelos autores que se tem occupado do ioduretto de potassio.»

O fim da medicina e do medico é curar o doente ou diminuir-lhe os soffrimentos, consolal-os, quando a cura fôr impossivel.

O grande tropeço da medicina practica, a causa principal do seu atrazo, quando todas as sciencias progridem assombrosamente, é o *systema*.

Ter um methodo é dever de todo medico; ser systematico é o maior dos defeitos que o medico póde possuir.

Ha dois methodos therapeuticos; ha tantos systemas quantos são os systematicos.

Ainda alguma cousa sobre a quinina.

Não ha medicamento que seja mais vezes receitado no Brazil do que quinina. Não ha, por assim dizer, estado febril em que a quinina não entre como medicação, por *fas* ou por *nefas*.

Esta desnecessidade mostra quão defficiente é a materia medica allopathica, não por falta de trabalhos notaveis, mas porque falso o principio em que assenta, falsas são as conclusões practicas.

Em dois annos de clinica homœopathica sòmente duas vezes achei indicada a quinina em dóses substanciaes.

Eis aqui tres observações de febres de accessos tratados pela quinina.

F... portuguez, 28 annos, morador á rua do Rosario n... trabalhador. Enfermo, ha 2 dias, tem tido febre continua.

8 de Julho de 98. Temperatura axillar, manhã, 39º6, sêde, lingua saburosa no centro, cephalgia frontal. Figado e baço normaes. Ao 3.º dia o doente estava sem febre e bem disposto. No dia 15 fui de novo chamado para vêr o doente. Na vespera, das 3 para 4 horas da tarde, frios prolongados, febre, á qual succederam grandes suores, lá para alta noite. Depois d'isso apyrexia completa.

Prescrevi *china* 3.ª de 2 em 2 horas.

16. Novo accesso á mesma hora. *China* 6.ª do mesmo modo.

17. Novo accesso á mesma hora, igual ao primeiro.

Durante o accesso sêde mais sensivel no periodo de calôr, zumbido nos ouvidos. Temperatura superior a 40.º

Sulfato de quinina 1 gramma, para usar em duas dóses, uma logo depois do accesso e outra 6 horas depois.

18. Não houve accesso. 50 centigrammas de sulfato de quinina logo depois do accesso, si reapparecer.

19. Não houve accesso. O doente restabeleceu-se sem mais accidentes.

—

F...24 annos, casado, morador á Villa Macuco, empregado no commercio de café. Na noite de 6 de Setembro recolheu-se bem disposto; dormiu bem.

A's 5 horas da manhã do dia 7 despertou com frios intensos, aos quaes succedeu febre, que continuava ainda sem remittencia ás 3 horas da tarde, quando o examinei.

Temperatura 40º.5, face congestionada e vultuosa, olhos humidos, algumas dôres nas pernas e nos lombos.

Haviam então alguns casos de variola na cidade e, embora o doente fosse vaccinado, aguardei a marcha da molestia.

Prescrevi *aconitum* 1.ª de hora em hora.

A' tarde d'este dia (7) depois de ligeiro suor a temperatura desceu a menos de 39.º A noite passou sem novidade.

Dia 8. Temperatura da manhã 39°. Sêde viva, lingua cheia de saburra amarella no centro, bastante rubra nos bordos, um pouco secca, certo grau de tympanismo, dôr abdominal.

O doente reclama um purgativo com o que não concordei.

Prescripção: Baptisia 3.ª de hora em hora.

Dia 9. Manhã, apyrexia. A's 3 horas da tarde frios geraes e prolongados, depois febre que declinou pela madrugada.

Dia 10. Temperatura da manhã 37° 5. O doente tem a côr palida amarellada. O baço e o figado são engorgitados.

Prescripção: *China* 3.ª de 2 em 2 horas.

Não ha accesso n'este dia. A' tarde a temperatura subiu de alguns decimos apenas; a noite declinou.

Dia 11. Manhã, apyrexia. Continua *china*.

A' tarde novo accesso como o primeiro.

A côr polida é mais accentuada. Dôr pela pressão no baço.

Sulfato de quinina 1.ª trituração ao decimo para tomar uma colher de 2 em 2 horas.

Dia 12. Accesso; a temperatura não passou de 38°. Sulfato de quinina 75 contigrammas para duas dóses.

Dia 13. Não houve accesso.

Dia 14. Não houve accesso. Convalecença.

Póde-se acompanhar n'esta observação as modificações operadas pelo tratamento homœopathico (aconito, baptisia, china) na marcha da molestia, simplificando-a.

FEBRE DE ACCESSO. CURA PELA 3.ª TRITURAÇÃO DE SULFATO DE QUININA

Trata-se de uma creança de 4 annos de idade, moradora á rua Visconde do Rio Branco, d'esta cidade, convalescente de broncho pneumonia sobrevinda á um violento ataque de coqueluche.

A creança passa o dia 18 de Janeiro sem novidade; mas á tardinha torna-se triste e procura o leito. Tem calafrios e febre durante parte da noite.

A' 19, pela manhã, está apyretica, levanta-se, brinca.

A's 4 horas da tarde, o mesmo encommodo da vespera.

Agora está corado e a mãe reconhece que ella tem febre.

Dia 20. Manhã, apyrexia. China 3.ª de 2 em 2 horas.

A' tarde novo accesso; mas a temperatura não passa de 38°,5. Entre 9 horas e meia noite suor na testa e no pescoço.

21. Manhã, apyrexia. *China* e *arsenicum* alternados.

A' tarde novo accesso semelhante ao ultimo. O frio é apenas sensivel, bem como os suores.

Dia 22. *Chinium sulfuricum*, 3.ª trituração ao decimo. 5 centigrammas de 2 em 2 horas.

23. Não ha accesso.

24. Não ha accesso.

Cura.

—

Eis agora um caso tirado da clinica de Jousset.

FEBRE TIPHOIDE DE FORMA PROLONGADA

M. Rodon, 15 annos, entrado á 31 de Janeiro, leito n. 4.

«A' 24 de Janeiro este rapaz experimenta cephalalgia, mau estar geral, fraqueza. Continúa a trabalhar até o dia 27. N'este momento zumbido nos ouvidos, diarrhéa, epistaxis. Não ha petechias; mas, auscultando-se o peito ouve-se estertores sibilantes.

O doente tomou: *muriatis ac'dum* e *belladona*, alternados até 9 de Fevereiro, 14.º dia de molestia.

O movimento febril está quasi extincto. A' 10 as melhoras continuam. A' 13 a febre toma o typo intermittente franco. Dá-se *chimium sulfuricum* 3.ª trituração 20 centigrammas. A' 14 e 15 ha pequenos accessos á tarde. *Chinium*, 1.ª trituração 20 centigrammas. A' 16 não ha mais accesso. A' 18 suspende-se toda medicação.»

—

Ainda uma observação da efficacia das dóses attenuadas de quinina.

Madame F...26 annos, bastante gorda, deu á luz uma creança de termo no dia 11 de Abril do corrente anno.

Até o dia 16 nenhuma novidade.

A' 17 a parturiente observa que os locchios deixaram de correr. A' tarde dôr e peso na cabeça e no baixo ventre.

No dia 18 prescrevi *arnica* 6.ª de 2 em 2 horas.

19. Os locchios reappareceram escassos. Continúa *arnica*.

20. Na vespera, á tardinha, alguns frios, depois dos quaes a doente suppõe ter tido febre.

Pulsatilla 6.ª de 2 em 2 horas. Os locchios augmentam, cessam as dôres uterinas; mas os frios voltam á tarde, acompanhados de nevralgia facial.

21. Apyrexia. *Arsenicum* 6.ª de 3 em 3 horas.

22. A nevralgia desappareceu; mas houve accesso precedido de calafrios. A' tarde novos frios, temperatura 39,5.

23. Chinium sulfuricum 1.ª trituração, 20 centigrammas em 200 grammas d'agua, ás colheres de 2 em 2 horas.

24. Aperexia pela manhã.

25. Não houve accesso.

26. Não houve accesso. Suspende-se a medicação.

Eis um bello caso, talvez de infecção puerperal insipiente, em que a allopathia aconselharia immediatamente duas grammas de quinina por dia, e injecções intra uterinas de sublimado corrosivo para matar o *microbio*...

—

As observações que venho de citar, quatro das quaes de minha clinica particular, mostram melhor que toda dissertação os casos em que são dispensaveis as altas dóses de quinina.

De um modo geral póde-se dizer que no declinio das molestias agudas, quando a febre toma o typo intermittente, sem fórtes frios e suores abundantes, bastam dóses apenas ponderaveis de quinina, 1.ª ou 3.ª trituração, ou uma baixa diluição de *china*, para restabelecer o doente.

Sómente quando a febre é essencial, é toda molestia, recente e francamente intermittente, manifestando-se por estadios claros, bem descriminados, a temperatura é elevada; ha sêde intensa durante o calor, engorgita-

mento do baço, etc., é que as dóses fortes de quinina são aconselhadas. Este medicamento, porém, deve ser abandonado d'esde que, depois de 2 ou 3 applicações bem feitas, não der plena satisfação.

E' de hontem o caso de infecção puerperal grave, com phlebite crural e, mais tarde, seguida de phlegmasia *alba dolens* dos membros superiores, occorrido em uma senhora da mais alta linhagem santense, em que o tratamento homœopathico operou um dos seus milagres, salvando uma vida, já condemnada.

Houve quem se julgasse com direito de chamar á si os louros da victoria; embora, chegando quando a molestia ia em declineo, firmasse, por escripto, o diagnostico impossivel de *infecção pulmonar* com tendencia á tuberculisação.

O que a doente apresentou de mais no fim da sua longa enfermidade foi o *infarctus pulmonar*, uma das complicações mais frequentes aos casos graves, de longa marcha, da infecção purulenta.

Recordo-me ainda de um dialogo, um tanto azêdo, que teve logar a vista da propria doente.

O diagnosticor da tuberculisação provavel, não podendo sustentar por mais tempo seu primeiro juizo, pois que o pulmão infectado retabelecera-se completamente, entendeu dever explicar os accessos febris pela infecção malarica, comquanto soubesse que durante os quinze primeiros dias de molestia a doente havia sido super-saturada de quinina.

Em consequencia, aconselhou a retirada immediata d'esta cidade para a de S. Paulo.

Divergi vivamente de semelhante opinião; d'onde a discussão. Mais facil seria ter o meu contendor lombrigas na cabeça do que aquella senhora infecção malarica.

Si assim pensa, disse eu, tão em encontrario do que pensava ha dias passados, dê quinina em alta dóse á doente.

Grande indignação do meu collega! Que um homœopatha não daria quinina em dóse alta; que eu não era ainda bem um homœopatha!... E o nome do actual ministro da fazenda veio a baila.

Ao que eu respondi: O Exm.º Sr. Dr. Murtinho, á parte as suas altas qualidades de practico emerito, é um medico homœopatha como ha muitos.

E' illustre, não contesto, mas o é tanto como Jousset, Hughes e outros, de França e de Inglaterra, que dizem claramente: na infecção purulenta, puerperal ou outra, a quinina é indicada toda vez que existem accessos febris com grande frio inicial, alta temperatura e suores profusos...

E tal era o caso da doente. O frio durava 40, 50 minutos e mais, a febre subia sempre acima de 40.º, muitas vezes á 41º, os suores eram tão profusos e tão prolongados que produziam a algidez.

Quem visse a doente em meio de um dos seus terriveis accessos de febre não lhe daria vida para muitos dias.

O tratamento, por mim instituido, a 30 de Novembro, pelo *arsenicum*, deu resultados admiraveis.

Os accessos, que eram em numero de dous por 24 horas, tornaram-se menos frequentes, havendo intervallos

de 2, 3 dias sem elles. A phlebite crural, que apresentava grande desenvolvimento, fazendo receiar uma larga suppuração, não sem perigos, desappareceu dentro em cinco dias. Ao mesmo tempo o estado geral tornou-se animador; a diarrhéa cedeu, o appetite voltou, tudo permittindo á doente readquirir forças para vencer o que restava da molestia.

Arsenicum era realmente o medicamento homœopathico ao caso. Sempre assim me pareceu; e, depois, pela leitura dos autores, vi a minha opinião inteiramente confirmada pela observação clinica e pela materia medica.

A quinina teve tambem indicações claras no começo da molestia. O erro consistiu na insistencia do medicamento durante semanas inteiras, quando a sua inefficacia tornou-se manifesta. Em taes casos teimar em dar quinina é preparar uma molestia medicamentosa que virá, cedo ou tarde, reunir-se á natural, aggravando o estado do doente e retardando a cura.

Tudo isso poderia ser dito, ouvido, e commentado, no interesse unico dos doentes, si as *personalidades* desapparecessem das discussões medicas á beira do leito dos enfermos.

E' inutil e prejudicial muitas vezes, insistir em fortes dóses de quinina quando, depois de algumas applicações bem feitas, este medicamento fica inactivo.

Um organismo minado por uma molestia grave e prolongada não póde ser indifferente á dóses violentas de quinina, repetidas durante 10, 15, 20 dias.

São muito frequentes os casos de paralysias, cegueira, e outros graves accidentes produzidos pelo

abuso da quinina para que se queira innocental-a á *outrance*. Mas a maîs frequente das complicações originadas d'esse abuso é a cachexia quinica.

O mesmo acontece com o ferro administrado em dóses altas inopportunamente, sem distinção, á toda sorte de anemias: a cachexia augmenta si já existia, edemas diversos apparecem, desordens do apparelho gastro intestinal vem aggravar o estado do enfermo, emfim, congestões pódem surgir em diversos orgãos, particularmente no pulmão.

São factos de observação commum na propria clinica allopathica.

Que provam estes factos? a imperfeição da materia medica allopathica, que confunde effeitos physiologicos dos medicamentos com effeitos curativos.

E com que direito a maioria dos medicos cerra os olhos a tantos males e persiste na pratica erronea que os origina?

Quanto mais estudo a homœopathia, quanto mais consulto a experiencia de velhos praticos homœopathas, como Petroz, Jarh, Teste, Hartman, Simon e outros, mais me convenço da sua grandeza, mais me felicito por ter abraçado o methodo das indicações positivas e mais lastimo a intolerancia de adversarios que se recusam á verificar a exactidão das suas affirmações.

Tanto peior para elles.

Quando vejo os immensos recursos que a homœopathia tira da quina, da belladona, do aconito e de um sem numero de medicamentos, quasi totalmente

esquecidos pela medicina official, e os comparo com as limitadissimas applicações que elles recebem na therapeutica allopathica, que prefere ao vegetal mesmo o seu principio activo, erro infinitamente grave, chego a convencer-me de que, como o vicio, o erro tem seducções irresistiveis.

A quina, a belladona, o opio, a pulsatilla, tem effeitos medicamentosos que não os seus alcaloides, pelos quaes a therapeutica allopathica os tem abandonado, a quinina, a morphina, a atropina, a anémonina.

Esta é a verdade affirmada, ha dezenas de annos, por centenas de practicos, cujos nomes figuram entre os mais notaveis da tradicção medica. E' a verdade clinica contra a qual não prevalecem as argucias do sophisma, nem os systemas.

—

O segundo ponto sobre o qual tenho á dizer alguma cousa é a estatistica do hospital de Saint-Marguerite, á qual se refere Jousset na sua brilhantissima lição, e em que tão bellamente ficou provada a superioridade da therapeutica homœpathica.

Para avivar as idéas, eis aqui os dados principaes da estatistica:

Serviço allopathico — 3724 entradas, 411 mortos; mortalidade 11. 3 %.

Serviço homœopathico — 4663 entradas, (939 á mais) 339 mortos, media 8, 55 %.

Não faltaram objecções graciosas á esmagadora estatistica de Tessier.

Não foi contestada, é verdade, a sua idoneidade; mas as vantagens foram attribuidas á simples expectação, ao tratamento expectante. Ainda hoje não falta quem sustente entre um risinho palido e um encolher de hombros pouco delicado que o tratamento homœopathico é pura expectação. Os que affirmam isso não refletem que fornecem uma prova terrivel contra a therapeutica allopathica. Realmente, si a simples expectação dá resultados superiores ao tratamento allopathico, pergunto eu: á que fica reduzida a therapeutica dos *contrarios* que se mostra inferior á expectação simples e pura ?!...

Mas a idéa de que o tratamento expectante, principalmente na pneumonia, dera tão bons resultados á Tessier e o desejo de vibrar mais um golpe de descredito na homœopathia, fizeram com que se empregasse *systematicamente* a expectação pura e simples a fim de poderem julgar do seu valôr. Ella foi practicada principalmente na Allemanha.

Vejamos os seus resultados e comparemol-os com os do tratamento homœopathico.

Diett empregou expectação systematica no tratamento da pneumonia. Diett obteve nos primeiros annos uma mortalidade de 16 por cento. Borde em 1885 obteve uma mortalidade de 22 por cento. Schimidt de 23 por cento. Emfim, Brand, de Copenhagne, teve uma mortalidade de 31 por cento.

Reunidos todos estes numeros obtem-se uma media de 18 por cento!

Ora Tessier durante este tempo, em Paris, obtinha

sempre uma mortalidade de 5 e 6 por cento na pneumonia pelo tratamento homœopathico.

Não havia mais que objectar: a superioridade da therapeutica homœopathica estava demonstrada.

Mas, não é tudo ainda. Ficou ainda provado que a marcha da pneumonia, com a expectação, não é a mesma que com o tratamento homœpathico.

Na expectação a molestia depois de percorrer o seu cyclo termina bruscamente por defervescencia, tal qual *como pelo tratamento allopathico*. Ao contrario, com o tratamento homœopathico a defervescencia é *rara*, as melhoras se apresentam progressivamente desde o 3.º dia até a cura que se dá quasi invariavelmente no 4.º ou 5.º dia.

O primeiro symptoma que desaparece é a dôr, depois a febre cahe, o pulmão desembaraça-se e a convalescença é rapida. Uma outra differença foi notada.

Com a expectação o movimento febril cahe no 8.º dia e muitas vezes o sopro e os estertores persistem até o 20.º; emquanto que no tratamento homœopathico os signaes sthetoscopicos não existem depois do 8.º dia e a convalescencia é muito curta.

O que a escóla official attribue á homœopathia é que é particular a ella mesma. A allopathia cura tambem, é verdade, mas cura *apezar de si mesma*. E que profundos estragos deixa na sua passagem?!...

Imaginae um vasto campo, todo plantado, cuja vegetação em germen definha á mingua de chuva. Cahe um temporal que inunda tudo; a enxurrada violenta

arranca ou despedaça as plantasinhas. O terreno ficou bem molhado, apto á fazer germinar novas sementes; mas o que lá estava foi impiedosamente destruido. E' o mesmo com a allopathia: *Limpa* o organismo, mas estraga-lhe a seiva e deixa-o mais apto á contrahir novas molestias.



TERCEIRA PARTE

Leis das indicações therapeuticas

São duas as leis que regem as indicações em therapeutica: a dos *contrarios* e a dos *semelhantes*.

A primeira basea-se no axioma de Galeno: *sublata causa tolitur effectus,* destruida a causa cessa o effeito.

E' certo, pelo menos em these, que destruida a causa não deve subsistir o effeito; embora se reconheça que uma causa produz mais de um effeito, ou antes, duas ordens de effeitos, uns proximos, immediatamente ligados a causa, outros remotos, indirectamente dependentes d'ella.

Toda vez que *é possivel* atacar a causa e destruil-a *opportunamente* a cura se manifesta logo; mas esta causa só póde ser apprehendida na grande classe das molestias externas: traumatismos, molestias parasitarias, envenenamentos, etc.

No campo das molestias externas a therapeutica é simples e quasi sempre promptamente efficaz.

D'ahi a precisão á que chegou a cirurgia moderna.

Si se trata, porém, das molestias internas, reconhece-se que a medicina tradiccional (a allopathica) não está hoje muito mais adeantada que ha meio seculo, unicamente porque a lei dos contrarios não tem applicação n'esta classe de molestias, cuja causa não é exclusiva, como a das externas.

As condicções exteriores, chamadas causas externas, os microbios inclusive, favorecem, umas mais, outras menos, sós ou combinadas, o desenvolvimento das molestias; mas não são a causa verdadeira.

Esta reside no organismo mesmo e consiste em uma *predisposição definida*.

Em muitos casos os microbios são producto da molestia e não origem.

O frio, o calor, os micro-organismos, estes sobretudo, favorecem muito o desenvolvimento das molestias, mas sómente nos individuos predispostos.

A prova d'isso é que muitos microbios pathogénos, dos mais virulentos, habitam as nossas cavidades e pódem ahi viver indefinidamente sem nos causar mal algum.

Outro facto confirmativo é que a mesma molestia póde ser produzida por microbios differentes.

Está demonstrado que o *bacillo-coli* e *os streptococos*, por exemplo, pódem produzir molestias as mais diversas.

A pneumonia, que devia ser sempre produzida pelo *pneumococo*, tem sido muitas vezes attribuida ao *streptococo* e até ao bacillo de Lœffer.

A meningite tem sido attribuida, nem só ao *meningococo*, como ao *bacillo coli*, as *staphylococo aureo*, como se vê de uma observação publicada pelo *Bulletin de la Societé Medicale des Hopitaux*, recentemente.

Baginsky descreveu nada menos de 15 especies de germens nas infecções gastro intestinaes das crianças, entre os quaes o *pyocianico* e o *mesenterico*.

Como, pois, affirmar que á tal microbio corresponde tal molestia?

Emfim todos estes germens, e ainda outros, habitam em nosso organismo em estado de *saprophytos*, isto é, sem prejuizo para a saude. Logo, o microbio existe e a molestia não existe.

E', pois, erro considerar o microbio como causa immediata da molestia, porque até hoje não se provou que á cada especie morbida correspondia, como devera ser, uma especie microbiana.

Quanto ás associações de bacillos, nada ha de mais vago e indefinido. Essas associações inoculadas produzem effeitos os mais varios e inexperados.

Uma associação de *colibacillos* e de *streptococos* produz uma colibacillose na cobaya, uma streptococcia no coelho.

Ora associações microbiannas isoladas de dejecções normaes são virulentas, ora as mesmas associações isoladas de dejecções pathologicas não são virulentas.

Diz Nobecourt com rasão que os colibacillos devem ser *alguma cousa* na pathogénia das molestias gastro intestinaes dos meninos, mas nada prova que assim seja peremptoriamente. (*Semaine Medicale*, 1899.)

Qual é, pois, a funcção do microbio?

O microbio é a causa *instrumental* do processo morbido; não, porém, a causa absoluta e immediata

da molestia, da mesma sorte que o ferro é o instrumento, mas nunca a causa do crime.

O exagero da funcção etiologica do microbio vem se quebrar deante da *immunidade*, de que falarei mais tarde.

O organismo é senhor dos seus movimentos morbidos; faz a molestia e fal-a de uma *forma* determinada. Ahi está a rasão porque á microbios differentes tem sido attribuida a mesma molestia.

A propria tuberculose, que se diz ter um bacillo especifico, póde se produzir com outros bacillos.

Rigorosamente não ha causas, nem medicamentos especificos.

—

Muitas vezes a *predisposição* só, basta para produzir a molestia. E' a doutrina da *essencialidade* das molestias da escóla homœopathica, perfeitamente formulada por J. P. Tessier, em 1858, e que debalde tenta-se destruir.

Ficará sempre memoravel na historia da escóla vitalista a seguinte phrase solta n'um momento de sinceridade por um egregio mestre organicista—Bouchard —o principe da bactereologia moderna.

«*Nós não temos doutrina em therapeutica, vós, homœopathas, tendes uma.*»

Disse isso Bouchard porque elle sabe que uma doutrina deve conter a solução de todos os problemas estabelecidos em uma sciencia e que a chamada doutrina organicista, base da allopathia, não possue taes condicções.

A doutrina medica deve conter a solução dos problemas relativos, não sómente á molestia, á causa, á therapeutica, mas tambem á *vida* e á *natureza* do homem. Sem esse caracter não ha uma doutrina medica, mas simplesmente uma amalgama de preceitos e opiniões tomadas a systemas diversos, incapaz de formar uma unidade scientifica, uma escóla.

A escóla organicista está n'este caso; tem mudado de systema, como mudam os homens de camisa, justamente porque não tem uma doutrina.

O materialismo é incapaz de explicar a *vida,* porque *as propriedades da materia não explicam a funcção de um todo organico em equilibrio.*

A escóla homœopathica tem uma doutrina? Tem-n'a e inteiriça. Devemos ao mestre Tessier o tel-a formulado, syntheticamente, em 1858.

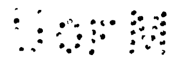
Em *Physiologia,* ella ensina que o homem é constituido pela união substancial da alma e do corpo.

Em *Pathologia,* sustenta a *essencialidade* das molestias.

Em *Etiologia,* professa que as molestias se desenvolvem sob a acção da *predisposição definida* e reduz as causas externas ao seu justo valor.

Em *Anatomia pathologica,* ensina que os symptomas e as lesões constituem a *materia* da molestia e recebem de cada especie morbida um caracter proprio.

Emfim, em *Therapeutica,* assenta rigorosamente sobre a materia medica experimental e sobre a lei da similitude das acções medicamentosas com as acções morbidas.



Que tem a escóla allopathica para oppôr á este corpo de doutrina logica e rigorosamente dedusida?...

Para o *galenismo,* origem da allopathia, a causa proxima das molestias residia nos quatro humores, d'onde as medicações—evacuantes, eliminadoras, etc.

Hypothese que a sciencia medica de hoje repelle.

Para os *iatrochimicos* seria preciso neutralisar os acidos e os alcalinos.

Para os *solidistas* seria preciso combater a irritação de mais ou de menos; donde as sanguesugas e os tonicos.

Em nossos dias a idéa dos envenenamentos morbidos levou os medicos á procurar os antidotos das molestias.

Mais modernamente todas as vistas voltaram-se para os micro-organismos. Que todas as melestias, a indigestão inclusive, são devidas a um microbio, é a sentença que se ouve de todos os lados.

O enthusiasmo foi immenso ao supporem os *galenistas* que d'essa vez estava achado o fio de Ariadne. Acreditaram que á cada microbio devia corresponder uma molestia, como á cada semente uma planta.

Agora, sim! Morto o microbio estava curada a molestia! Paz na terra e nas consciencias! *Sublata causa tolitur effectus.*

Mas a illusão durou pouco, tão pouco que Bouchard inventou, para mascarar grandes difficuldades, a therapeutica *pathogénica,* a qual, diz o mestre, para ser applicada exige antes de tudo *um estudo profundo e minucioso do processo morbido,* o que quer dizer que Bouchard deixou de lado a causa hypothetica, o *microbio*, para se occupar sómente da evolução da molestia.

E' que Bouchard reconheceu falso e cheio de decepções o caminho que conduz ao tratamento das molestias pelos meios antibacillares, á therapeutica antibacillar.

Foi então que os arautos da nova theoria etiologica viram-se obrigados á appelar para o *terreno,* isto é, para o organismo, á fim de explicar os mil e um factos oppostos as suas affirmações e deduções.

Reconheceram que ha *alguma cousa* no organismo que domina e subjuga o microbio ; mas, systematicos e cabeçudos, não quizeram acceitar as consequencias practicas d'esta influencia suprema do organismo na determinação, evolução e cura das molestias e preferiram appoiar uma hypothese n'outra hypothese.

Veremos adeante que apezar de tudo a escóla organicista acceita conclusões que contradizem os principios da sua erronea doutrina.

Taes são as hypotheses que tem reinado e reinam ainda em therapeutica.

Com rasão essa therapeutica mereceu de um illustre autor homœopatha a applicação do seguinte verso de Scarron :

Je vis l'ombre d'un valet
Qui, de l'ombre d'une brosse.
Frottait l'ombre d'un carrosse...
. . . .

A lei dos contrarios é inapplicavel ás molestias de causa interna. A descoberta de Harvey, da circulação do sangue, destruiu de vez a hypothese que servia de base á theoria dos humores. Desde então a sua thera-

peutica deixou de ter uma base scientifica e os tratados de materia medica inspirados no humorismo antigo e suas variantes, são hoje verdadeiros anachronismos.

Até Hahenemann a materia medica era um mixto de supposições absurdas e legendas ridiculas.

Para ter-se uma idéa do que era a materia medica d'aquelles tempos basta saber que ella baseava-se em hypotheses varias sobre as propriedades physicas dos medicamentos: côr, forma, gosto. Eram divididos em classes de phantasia. Havia *desobstruentes*, *incisivos*, *relaxantes*, *refrigerantes*, *cordeaes*.

Tudo isso é hoje archaico, anachronico; entretanto lê-se ainda (com que tristeza!) estas coisas em livros modernos de therapeutica!...

—

Vejamos agora como se deve comprehender a lei dos semelhantes. Antes de tudo é preciso ter uma idéa exacta do que é medicamento e do que é molestia; como age o primeiro e em que consiste a segunda.

O estudo do medicamento não se limita ao conhecimento de suas propriedades physicas e chimicas; é sobre tudo constituido pelos symptomas e lesões que produz no organismo são, e só no organismo são; porque no organismo perturbado pela molestia a experiencia não póde colher a imagem fiel dos effeitos physiologicos de qualquer substancia.

Foi sobre esta base inabalavel que Hahnemann levantou o monumento da materia medica *pura*.

Muitas difinições tem sido dadas de medicamento; mas nenhuma tomou ainda por base o conjuncto de

seus effeitos; mas sómente alguns dos effeitos mais salientes, d'onde uma idéa incompleta e vaga do medicamento.

Cl. Bernard definiu: *são corpos estranhos ao organismo, n'elle introduzidos com o fim de obter-se effeitos determinados.* E' a peior de quantas conheço por muito vaga e incompleta.

E' toda substancia que *age sobre o organismo perturbando a nutrição dos elementos anatomicos e as funcções,* disse German Sée.

Melhor que a precedente e a de Barbier, diz Rabuteau, esta definição não póde ser acceita como verdadeira.

Mas a de Rabuteau é ainda mais erronea do que a de Barbier e Cl. Bernard. Rabuteau diz que o medicamento age sobre os elementos anatomicos e *humores*...

Quem fala mais hoje em humores?!...

D'estas a melhor é a de Germann Sée, que lembra uma certa relação entre a acção do medicamento e a da molestia; é entretanto incompleta.

A escóla homœopathica difine: É UMA SUBSTANCIA DE ORDEM VEGETAL, MINERAL OU ANIMAL QUE, ADMINISTRADA AO ORGANISMO VIVO, TEM A PROPRIEDADE DE PRODUZIR UM CONJUNCTO DE SYMPTOMAS E LESÕES, APRESENTANDO UM CARACTER ESPECIAL E OBEDECENDO Á UMA EVOLUÇÃO DETERMINADA.

Sem o caracter especial de determinar um conjuncto de symptomas, obedecendo á uma marcha determinada, a noção do medicamento é vaga e incompleta.

Assim comprehendida a acção do medicamento

assemelha-se á da molestia. E' que os effeitos primitivos dos medicamentos nas experimentações tem a maior analogia com a molestia.

A historia dos envenenamentos é uma prova d'isso.

A molestia caracterisa-se tambem por um *conjuncto de symptomas e lesões, tendo uma marcha determinada e constituindo um todo distincto de outra molestia.*

Emfim, practicar a lei dos semelhantes é tratar uma molestia pelo medicamento ou medicamentos que tem a propriedade de produzir no organismo são symptomas e lesões analogas aos da molestia á curar.

Ha, pois, um termo de relação intima entre os dois pontos principaes da funcção da therapeutica: medicamento e molestia.

Esta relação intima, este laço, é indispensavel ao mechanismo da cura e á sua comprehensão.

Em que consiste a molestia?

E' inutil repetir aqui todas as definições propostas pelos autores. Todas são defficientes e abstractas.

A molestia é a força vital *desacordada,* disse Hahnemann.

A molestia nasce de uma *disposição morbida difinida,* ensina a escóla franceza de homœopathia.

Em todo caso é o organismo que *faz a molestia,* como é elle proprio que *faz a cura.*

A cura é, pois, o resultado de uma *disposição curativa,* do mesmo modo que a molestia é de uma *disposição morbida* do organismo.

Assim comprehendida a molestia, não se trata mais de, inutilmente, procurar antidotos para oppôr ás

suppostas causas, mas de encontrar medicamentos que, agindo sobre as *actividades cellulares*, como se diz modernamente, promovam a cura, *reforçando-as*.

Este estado só póde existir na semelhança das acções medicamentosas com as acções morbidas. Seria absurdo suppôl-o nas acções contrarias. O contrario de uma molestia não existe, nem póde existir.

O que Galeno julgou encontrar foi o contrario da causa e não do processo morbido, que não póde existir.

Qual é o medicamento cujas acções conhecidas são contrarias aos symptomas e lesões que caracterisam uma molestia? Qual é o contrario do rheumatismo, da febre typhoide, da pneumonia?!...

E' o organismo que se cura á despeito das violencias que n'elle operam as medicações contrarias.

A theoria humorista com todas as suas variantes, é hoje uma coisa anachronica, insustentavel; *ipso facto*, são intoleraveis os systemas therapeuticos d'ella decorrentes.

A escóla organicista foi mais feliz com a etiologia microbiana? Ella assim suppoz por momentos; mas a illusão desfez-se logo; e si insistem em attribuir as molestias á microbios é porque uma nova hypothese etiologica não veiu ainda substituir a do microbio.

O contrario, ou se quizerem, o antidoto do microbio nunca foi encontrado, nem o será jamais, para o tratamento das molestias internas.

Entre o organismo *vivo* e um caldo de cultura a differença é intransponivel, convençam-se d'isso os systematicos.

Tambem já houve tempo em que se comparou o organismo á uma retorta e procurou-se nas reacções chimicas a acção curativa dos medicamentos.

Entre a retorta e um caldo de cultura a differença é apenas a que vae de uma hypothese á outra hypothese.

Sem a *disposição morbida definida* e sem *disposição curativa*, não ha molestia, nem cura possiveis.

Póde-se provar isso?

Póde-se. Vou fazel-o. Dispensarei todas as provas clinicas e contentar-me-hei com a mais valiosa para os adversarios da homœopathia — o testemunho insuspeito de Bouchard, a maior notabilidade therapeutica moderna da escóla allopathica.

Leia-se Bouchard e veja-se como elle reconhece, não podendo evitar de o fazer, que as predisposições *morbida* e *curativa* são *necessarias* á evolução da molestia e a execução da cura. Leia-se Bouchard e veja-se que a doutrina organicista não póde prescindir de dar á *vida* uma funcção autonoma, pondo-se em flagrante contradição com todos os principios do *organicismo medico*, isto é, da escóla allopathica.

Tambem a historia da allopathia é uma serie interminavel de contradicções e abjurações.

—

Abramos o cathecismo da doutrina microbiana — *Microbes pathogénes*, Bouchard, Paris, 1892, pag. 2 e seguintes: O gryphos assignalando certas passagens, são meus.

Diz:

« Ha especies de animaes, cujo corpo, no *estado vivo*, não permitte o desenvolvimento de certos microbios; outras especies são particularmente favoraveis á vida de certos microbios. »

« A impossibilidade em que se acha tal microbio de atacar tal organismo *nada tem que ver com a vida d'este ultimo,* porque nos tecidos e humores tornados refractarios o desenvolvimento de certos microbios é muito difficil e as vezes impossivel. »

Muito difficil, ás vezes impossivel; logo possivel muitas vezes.

Ha contradição nos dois trechos transcriptos.

Primeiro, diz Bouchard, que ha especies de animaes que no estado *vivo* não permitte o desenvolvimento de certos microbios; depois diz que semelhante impossibilidade *nada tem que vêr com a vida*...

Mas é o propria Bouchard quem se encarrega de assignalar a contradição.

Diz, logo depois: « Mas ha circumstancias em que a *vida animal* tem *manifesta influencia* na difficuldade do microbio atacar o seu organismo. » Logo...

Continua Bouchard no empenho louvabilissimo de vibrar golpes de morte na sua propria doutrina.

Diz: « Um animal *vivo* é *refractario* á uma bacteria, mas logo que elle *morre* os seus tecidos tornam-se excellente meio de cultura d'esta mesma bacteria ».

Assim, pois, Bouchard reconhece que ha no organismo *vivo alguma cousa* que permitte ou não permitte

o desenvolvimento dos microbios!... Tanto vale dizer que o microbio é tanto a causa das molestias como o frio ou o calôr.

Vamos indo menos mal.

Mas... attenção. Continúa Bouchard:

« Eu não tenho desejo de fazer o exposto e a critica dos *oito* processo (mil que tivessem inventado não mudariam a verdade) pelos quaes se tem *imaginado* que os animaes escapam aos microbios. Quero confirmar apenas que são dois os meios de defeza do organismo: um *estatico, chimico,* chamado bactericida, *accessorio* e *contingente;* outro DYNAMICO, GERAL e UNIVERSAL. Ambos são designados pelos termos: *immunidade adquerida* e *immunidade natural.*

Recordamos que a primeira é *accessoria* e *contigente* e, portanto, incerta e que a segunda é UNIVERSAL e NECESSARIA; porque Bouchard, sentindo ter compromettido muito a sua escóla, quer fazer crêr que a immunidade natural, que é universal e geral, se desenvolve á custa da adquerida, que é contingente, de sorte que o contingente domina o necessario, o accessorio prevalece sobre o geral.

Logica nova, mas absurda.

Não ha duas sortes de immunidades, mas sómente a *immunidade natural, dynamica, universal.*

Agora vae Bouchard destruir em duas palavras os ultimos reductos da sua doutrina.

Diz: A immunidade natural é garantida pela *participação* da *vida,* (graças a Deus) por uma condição dynamica, pelo jogo das actividades cellulares, e *é pelo concurso das duas immunidades que a cura se effectua.*

Tão peremptoria confissão simplifica muito a minha tarefa.

Si é o organismo mesmo que faz a cura, que vem á ser esta historia de antidotos e contrarios em therapeutica?

Si a cura das molestias se effectua por um movimento especial das actividades cellulares, não ha maior absurdo do que suppôr que é *contrariando* esse movimento, as impulsões organicas que se deve combater a molestia?

A verdade em therapeuttca ou está na materia medica experimental e na applicação dos medicamentos, segundo a lei dcs semelhantes, ou em nenhum outro.

E o futuro da homœopathia está garantido pelos trabalhos dos laboratorios, pois, *serumtherapia*, *opotherapia*, *isopathia*, não são mais que ramos d'esse grande tronco — HOMŒOPATHIA.

DOSES INFINITESIMAES

A acção das dóses infinitesimaes não é menos extraordinaria que um sem numero de factos incontestaveis, que acceitamos, e de que no emtanto não podemos dar explicação ou prova cabal.

Entretanto a acção das dóses infinitesimaes é susceptivel de prova.

Além das provas clinicas, as mais importantes e valiosas, que a observação registra dia á dia por toda parte, provas que pódem ser compulsadas e examinadas na clinica de todos os practicos, outras existem que vou tornar conhecidas.

As preparações homœopathicas não têm effeito medicamentoso, dizem os filhos da sciencia official, porque ellas não contém a minima parcella de substancia, de medicamento.

Homens intelligentes, medicos illustrados, repetem esta banalidade sem refletir que dizem um erro de physica, de physiologia e de therapeutica elementares. Não é, porém, á ignorancia que se deve attribuir estes lapsos; mas ao véso de encarar as questões pela superficie, sem aprofundal-as um momento.

A physica offerece a primeira prova da presença do medicamento, porque a physica proclama que *a divisibilidade da materia é infinita.*

Si a materia é divisivel ao infinito e si durante as diluições não ha perda de peso, como o proprio raciocinio mostra, a presença do medicamento não póde ser negada n'essas mesmas diluições.

A analyse tem descoberto o ouro e a prata na decima trituração, o estanho na 14.ª, o cobre na 7.ª, etc.

Sabe-se que um grão de ouro deixa-se dividir em 746 milhões de partes. Reconheceu-se já com um microscopio a 720,000 millionesima parte de um grão de ouro.

O medicamento assim diluido possue condicções capazes de desenvolver a sua acção? Ninguem póde contestar. O medicamento é tanto mais activo quanto é mais facilmente absorvido, e toda porção do medicamento que não passa no organismo inteiro perde-se. O que nutre o homem não é o que elle come, mas o que elle assimila, o que absorve.

A parte do medicamento que age não é a que se deglute, mas a que se absorve.

Ora a trituração e a diluição dividindo no mais alto grau as moleculas dos corpos, desagregando-as, torna a sua absorpção mais rapida e mais perfeita. Diz West, allopatha, especialista nas molestias de crianças: « E' pueril dar o phosphato de cal em dóse massiça, porque só uma pequenissima parte do medicamento é absorvida. O mesmo se dá com o ferro e todas as substancias insoluveis ou difficilmente soluveis que a allopathia prescreve em dóses fortes. E' uma despesa inutil de dinheiro e de tempo, de dinheiro para o doente e de tempo para o medico».

A experiencia confirma estes dados. Os medicamentos soluveis agem em dóses menores que os insoluveis.

Ora as triturações e diluições homœopathicas tornam todas as substancias soluveis e portanto absorviveis.

Si se mistura 1 gramma de mercurio á 99 grammas de assucar de leite (1.ª trituração centesimal) obtem-se á principio uma mistura escura. Mas si se tritura a mistura segundo a technica homœopathica, durante uma hora, a côr escura se acentúa mais e mais até tornar-se negra.

Que se passou? As moleculas do mercurio foram desagregadas e incorporadas ás do vehiculo de tal sorte que a substancia veiu á occupar uma superficie 100 vezes maior que no começo da operação.

A dóse activa do medicamento assim preparado deve

ser tanto menor quanto mais divididas estiveram as suas moleculas.

A acção dos medicamentos n'este estado de divisibilidade é facto de observação. Por exemplo: Marinheiros embarcados em navios carregados de therebentina têm sido accommettidos de irritação da bexiga devido á terem respirado as emanações d'esta substancia.

Que quantidade em peso foi absorvida? A colica de chumbo que accommette os individuos que habitam casas recentemente pintadas é outro facto de observação commum. Que quantidade de chumbo foi absorvida para produzir tão serio accidente? E o miasma que se desprende dos pantanos não é uma prova da acção das dóses infinitesimaes?

A physiologia nos dá á conhecer factos de impressionabilidade por quantidades que não se póde medir nem pesar. E' assim que um grão de musgo triturado, sem perder muito do seu peso, impregna um aposento do seu cheiro durante mezes.

A propria therapeutica offerece provas das dóses infinitesimaes. São conhecidos os bons effeitos das aguas de Forges; entretanto a analyse demonstra uma proporção tão minima de principio activo n'estas aguas que, as curas que ellas operam não pódem ser explicadas pela grandeza das dóses medicamentosas.

A analyse é muitas vezes impotente para determinar a substancia que motivou um envenenamento.

Tem se aproveitado a acção da atropina sobre a pupilla (Chapuis, *Toxicologia,* 1889) para demonstrar a sua presença em casos de envenenamento. Toma-se

algumas gottas do liquido contido no olho do cadaver e instilla-se no de um animal são; si o veneno é a atropina, a pupila do animal se dilata.

Effeito evidente de uma dóse infinitesimal, tão infinitesimal que a analyse chimica não poude descobrir traços, sequer, do veneno. Si, pois, em uma 12.ª diluição de silicea, a analyse chimica nada descobre, é devido isso a imperfeição dos processos analyticos.

Não se póde, pois, negar *á priori* a existencia de um agente medicamentoso em uma diluição homœopathica, pelo facto de não poder a chimica reconhecer a natureza d'este agente.

Quanto a efficacia das dóses infinitesimaes, si as provas exhibidas não bastam para convencer ao mais teimoso, ahi está a observação chimica para fazer calar todas as duvidas. Experimentem.



PROCERES DA HOMŒOPATHIA

A historia da homœopathia é de luctas gloriosas, de dedicações arrojadas, de abnegações sublimes. O chefe da escóla franceza de homœopathia, J. P. Tessier, medico de alto renome, mestre estimado e autor dos mais illustres, occupando invejaveis posições na faculdade e nos hospitaes, submetteu-se nobremente á perder as graças do *officialismo* para defender, sustentar e engrandecer o methodo homœopathico. Na lição do Dr. Jousset está incluida uma breve noticia sobre o papel saliente de Tessier na clinica do hospital de Saint Marguerite, hoje Trousseau.

J. P. Tessier deu extraordinario impulso á homœopathia em França, fazendo-a entrar n'um caminho mais largo, sob o influxo dos progressos realisados na primeira metade d'este seculo em pathologia e materia medica.

Fundou em 1854 a *Arte Medica*, jornal de medicina geral e practica, ainda hoje um dos mais opulentos da grande capital franceza.

Escreveu em 1850, já então homœopatha: *Indagações clinicas sobre o cholera e a pneumonia;* em 1854, *Do ensino medico em França;* em 1858, *Estudos de medicina geral.*

Anteriormente á esta época publicou estudos originaes de alto valor, taes como: *Ha secreções morbidas sem alteração dos tecidos? Mechanismo da affecção purulenta* e outros.

—

Leon Simon, ex-presidente da Sociedade Franceza de Homœopathia, medico do hospital de Saint-Jacques, vive ainda.

Sua vida tem sido toda inteira dedicada á clinica homœopathica. Homem de lucta, na imprensa, na sala do hospital, na tribuna publica, de sua palavra tem jorrado luzes sobre os problemas sempre novo da medicina practica.

Sua obra é numerosa e rica.

Os *Commentarios sobre a doutrina de Hahnemann* são um livro classico para os que se iniciam na theoria e na practica homœopathicas.

Tem publicado as seguintes obras e estudos: *Molestias venereas e seu tratamento homœopathico*, Paris, 1860; *Conferencias sobre a homœopathia*, *Carta a M. Imbert-Gourbeyre*, 1865; *O cholera, seu tratamento preventivo e curativo*, 1885.

E' um dos mais constantes escriptores da *Arte Medica* e da *Revista Homœopathica Franceza*.

Seu pae, tambem homœopatha, deixou as seguintes obras: *Lições de medicina homœopathica*, Paris, 1836; *Carta aos membros da Faculdade de Paris*, 1843; *Carta ao ministro da instrucção publica*, *Resposta ao juizo da Academia sobre a doutrina homœopathica*, 1845.

—

Dr. P. Jousset.—Clinico notavel, trabalhador infatigavel, espirito sem prejuizos e dotado de grande poder de observação, o Dr. P. Jousset é um dos mestres homœopathas que maior somma de serviços tem prestado á escóla.

A *Revista Homœopathica* franceza deve-lhe gratidão igual a da *Arte Medica* á Tessier.

Suas obras são das mais lidas e tem contribuido immenso para o prestigio da homœopathia no seio mesmo dos seus adversarios.

Sustenta, ha annos, um curso livre de homœopathia, de par com Leon Simon, Cartier e outros notaveis homœopathas francezes.

Conhece os segredos da microscopia e muito concorreu para a fundação de um gabinete de bactereologia, junto ao hospital de Saint-Jacques, no qual trabalha com affinco.

Tem publicadas as seguintes obras: *Tratado Elementar da Materia Medica,* 2 volumes, Paris, 1884; *Elementos de Medicina Practica*, 2 volumes, Paris, 1877; *Lições de Clinica Medica,* professadas no hospital de Saint-Jaccques, 1878 a 1886; *Elementos de Pathologia e Therapeutica Geraes*, 1 volume, 1873; *Exame das Doutrinas de Bouchard,* 1883.

Seu filho, Dr. M. Jousset, tem publicado: *Molestias da Infancia,* 1888; *Molestias de Crianças*; *Diphteria,* 1885; *Hematoceles Uterinos,* 1883

—

O Dr. Imbert-Gourbreyze, de 1856 á 1885 publicou

13 obras sobre clinica, materia medica e therapeutica e sobre pontos de doutrina.

—

O Dr. Richard Hughes, professor de materia medica do Instituto homœopathico de Londres, tornou-se notavel pelas suas duas obras vasadas em moldes inteiramente modernos : *Acção dos Medicamentos homœopathicos, ou elementos de pharmaco-dynamica*, 1874; magnifico trabalho synthetico onde ha muito que aprender; *Manual de Therapeutica*, segundo o methodo de Hahnemann, 668 paginas, 1881.

—

Jarh, Hoffman, Hartmann, Petroz, Frappart, Giraud, Baningausen, Mure, Luther, Lutze, Magnan, Peroussel, Liet, Leboucher, Pommerais, Gallavardin, Dufresne, Fredault, Laurie, Gabalda, Guerin Meneville, Cartier, Encousse, Espanet, Hirschel, Hering, Chargé, Chauvet, Poeti e dezenas de outros medicos notaveis, francezes, allemães, inglezes, belgas, italianos, tem illustrado e illustram ainda os annaes da homœopathia.

—

A America do Norte (Estados-Unidos) tornou-se de uns 20 annos á esta parte um centro de irradiação de grandes progressos da materia medica, enriquecendo a therapeutica homœopathica com um sem numero de novos medicamentos.

Os seus 20 institutos e collegios, onde Hale, Hempe e outros, tem descoberto mil segredos da flora americana, em estudos constantes sobre o homem são, fornecem dia á dia novos recursos á practica medica.

Folgamos de registrar que a escóla allopathica tem se apropriado de muitos dos novos medicamentos homœopathicos.

Gelsemium, Actœa racemosa, Hamamellis Virginica, Leptandra, Veratrum, Drosera e muitos outros dos nossos medicamentos estão tendo applicação na clinica allopathica, applicação pouco proveitosa porque não se funda na lei da similitude das acções morbidas com as medicamentosas.

O facto communissimo de tal medicamento ter em homœopathia largas applicações e em allopathia uma ou duas, quando muito, é um argumento irrespondivel da superioridade da nossa therapeutica.

Medicamentos, ha muitos annos, abandonados pela allopathia, taes como a pulsatilla, a bryonia, são verdadeiros *polychrestas* homœopathicos.

O aconito mesmo, quasi abandonado hoje pela therapeutica allopathica, é um d'aquelles medicamentos, cuja materia medica dada por Hahnemann, basta para immortalisar-lhe a obra.

Que dizer do arsenico, do mercurio, da ipecacuanha, do phosphoro, do chumbo, do ouro, da platina, e de tantos outros?

De uso limitado uns, restrictissimo a maioria d'elles na therapeutica *racional*, são medicamentos entre nós de applicações diarias; tanto no tempo de Hahnemann, ha quasi um seculo, como hoje, o que não prova muito em favor da solidez da materia medica allopathica.

—

Volto á tratar de alguns nomes brilhantes na carreira medica homœopathica entre os mais antigos.

Os ultimos serão os primeiros; por isso falarei de Hahnemann em ultimo logar.

—

Dr. Alphonse Teste. — Depois de ter practicado a allopathia em Paris e na estação thermal de Bagnoles-de-l'Orne, Teste, casualmente levado á estudar a homœopathia, conheceu, de 1841 á 1844, trez homœopathas distinctos, os Drs. Frappart, Giraud e Petroz.

Estes tres collegas dissiparam suas ultimas duvidas e prevenções, um curando um dos seus doentes, outro curando o proprio Teste de uma tosse noturna, quintosa, antiga, que tinha resistido á todos os meios chamados racionaes.

Teste devotou-se então ao estudo e á practica da homœopathia com ardor e convicção.

Não se contentou com aprender a materia medica de Hahnemann, estudo no qual auxiliou-o muito a sua grande memoria; engrandeceu-a com novos estudos pathogénéticos e tornou conhecidos muitos medicamentos pouco usados ainda. Foram elles: *cedron*, *copahiba*, *coralia*, *tabacum*, *allium cepa*, *chelidonium*, *croton*, *Ledum*, *etc.*

Deixou um excellente tratado de molestias de crianças e o seu livro *Systematisação Practica da Materia Medica Homœopathica*, publicado em 1853, com uma introducção que é um perfeito resumo da philosophia medica, é um dos mais originaes e preciosos que tenho lido.

O mais sabio dos mestres de therapeutica terá muito que aprender lendo-o, tal é a somma de particularidades utilissimas que alli se encontra á respeito dos medicamentos e da sua historia.

Este trecho contido na introducção da *systematição* é uma prova da sua poderosa mentalidade: «Segundo meu modo de vêr não existe entre os miasmas e os medicamentos differença radical. Uns e outros são *germens*. Nós podemos tel-os comnosco, recebel-os durante a vida, conduzil-os em nosso organismo, em estado latente, durante annos. Estes germens pódem atravessar muitas gerações, apparecendo com intermittencias nos membros de uma mesma familia».

Não se póde enunciar mais claramente a doutrina da hereditariedade, e Teste o fez em uma época (1853) em que pouco se sabia de tal assumpto.

Em outra passagem exprime-se com a mesma clareza sobre o que se chama hoje—o terreno: «Do mesmo modo que a planta não produzirá senão em um terreno apropriado, tambem o miasma não se tornará molestia emquanto não encontrar no individuo certas disposições especiaes para contrahil-a».

Schüssler com a sua bio-chimica, Brown Sequard com a sua organotherapia, foram advinhados por Teste, si é que não o plagiaram.

E' notavel, dizia Schüssler, que na opinião dos homœopathas, o enxofre, a cal, a siliça, agem melhor sobre os orgãos em que a chimica demonstra a sua existencia normal.

A organotherapia de Brown Sequard está contida n'estas palavras de Teste: «Do mesmo modo que o ferro cura a chlorose caracterisada pela ausencia ou diminuição no sangue do elemento ferruginoso; tambem a cal, o enxofre, a sóda, o phosphoro, a siliça, a alumina, deverão curar os estados pathologicos devidos á diminuição destes diversos elementos».

O seguinte trecho é digno de profunda meditação:

«E' entre as substancias mais espalhadas no globo, e não entre as raras, que devemos procurar os remedios ás molestias que nos affligem diariamente.

Ha uma tendencia instinctiva entre os jovens medicos para os remedios raros e extraordinarios. Elles *querem brilhar pela nov dade*. Procuremos antes curar os doentes que brilhar.»

Ha um outro livro de Alphonse Teste, intitulado *Comment on Devient Homœopathe*, um primor de erudição, o qual os allopathas tem chrismado pelo nome suggestivo de — Sereia.

E' n'este livro que Teste conta todas as phases da sua conversão á homœopathia.

O Dr. Alphonse Teste falleceu á 14 de Fevereiro d'este anno na avançada idade de 80 e tantos annos.

Samuel Hahnemann.—Que posso eu dizer de Hahnemann? Cada pagina de um dos mil volumes escriptos sobre homœopathia, desde a sua fundação, é um canto de louvor aos meritos extraordinarios do creador da materia medica pura.

Perseguiram-n'o á pedradas de villa em villa de cidade em cidade, baniram-n'o da patria, tudo fizeram para destruil-o e com elle a reforma therapeutica que estudava e já annunciava; mas tudo foi de balde, Hahnemann viveu, trabalhou e assentou os alicerces da therapeutica experimental estudando elle, o primeiro, os medicamentos no homem são.

A sua obra: *Materia medica pura* — 4 volumes, contém o estudo de cem medicamentos.

Tendo todos os defeitos do seu tempo, a materia medica de Hahnemann será sempre o livro modelo das pathogénésias.

Não se sabe o que mais admirar, si a perseverança, si a infatigabilidade do experimentador.

O seu estudo, sendo um trabalho immenso de memoria, presta-se mal para um curso methodico de materia medica.

Só uma memoria prodigiosa poderá fixar tão extensos agrupamentos de symptomas como são as pathogénésias de Hahnemann.

Ao aconito elle dá mais de quinhentos. As repetições são frequentes e fastidiosas. Todos estes senões, porém, acham-se hoje muito attenuados pelo concurso da clinica e dos trabalhos mais syntheticos dos autores modernos. Comtudo, a materia medica de Hahnemann será sempre obra de grande valor historico e a mais robusta prova da extraordinaria concepção do seu autor.

Eu não tenciono dar a biographia, embora resumida, de Hahnemann; mas tão sómente a lista das suas obras

sobre medicina para que o leitor ajuize por si mesmo do seu trabalho de gigante em uma época em que se produzia muito pouco.

Hahnemann, doutor em medicina, conselheiro do ducado de Anhalt-Koethen, membro de muitas academias e sociedades sabias, nasceu em 1755 em Missen, pequena cidade de Saxe, Allemanha.

Começou seus estudos em Leipzig em 1775, passou-se depois, em 1777, para Vienna.

A' 10 de Agosto de 1779 elle sustentou sua these inaugural sob o titulo de *Comspectus affectuum spasmodicorum etiologicus et therapeuticus.*

Entrando na vida publica, dedicou-se ao estudo da chimica e da mineralogia.

Em 1787 habitou Dresde, onde Wagner, primeiro medico, confiou-lhe a direcção dos hospitaes na qualidade de medico chefe.

Hahnemann falleceu em Paris em Julho de 1843.

De 1786 á 1828, publicou os seguintes trabalhos: 1786, *Envenenamento pelo arsenico, meios de o provar legalmente;* 1787, *Sobre os prejuizos do uso do carvão de terra, meios de melhorar este combustivel;* 1789, *Instrucção sobre as molestias venereas; indicação de uma nova preparação mercurial;* 1789, *Difficuldades que apresenta a preparação do alcale mineral pela potassa e o sal marinho;* 1789, *Novo principio constituinte da plombagina;* 1789, *Da insolublidade de alguns metaes e seus oxydos no ammoniaco caustico;* 1792, *Nota sobre a preparação do sal de Glouber:* 1792, *O Amigo da Saude;* 1792, A primeira parte de um *Diccionario de Pharmacia.*

Por este tempo Hahnemann, descrente da medicina tradiccional, affagava a idéa de encontrar um meio seguro de *curar as molestias com certeza.*

Eu procurei, dizia elle á um amigo, este meio no qual ninguem pensou ainda, porque *é muito simples.*

Tu deves observar a maneira pela qual os medicamentos agem no corpo do homem *quando elle estiver em estado tranquillo de saude.* As mudanças que elles operam devem significar alguma cousa.

Talvez esteja ahi a unica linguagem pela qual elles possam exprimir ao observador o fim da sua existencia.

Germinava em Hahnemann este pensamento profundo, diz um biographo, quando um dia, traduzindo a *Materia Medica* de Cullen, e, chegando ao artigo—quina, impressionou-se com as hypotheses contradictorias pelas quaes se procurava explicar a acção d'este medicamento. Então elle resolveu procurar a explicação experimentando a quina em si mesmo. Tomou durante alguns dias fortes dóses de quina e sentiu os symptomas de um estado febril intermittente, analogo ao que a quina cura.

Successivamente experimentou o *mercurio*, a *belladona*, a *digitalis*, obtendo sempre a mesma resposta, isto é, estados morbidos analogos aos que os medicamentos curavam.

A medicina ia soffrer uma completa revolução.

Annunciados os resultados primeiros não tardaram as persiguições. Vagou de Georgenthal á Brunswich, d'ahi á Keingslutter, á Hamburg, á Edenburg, á Torgau, até 1811, época em que voltou de novo á Leipzig, onde

praticou a homœopathia publicamente, acto que n'aquelles tempos exigia uma coragem extraordinaria, até 1820.

Em 1828 publicou o seu *Tratado das Molestias Chronicas,* onde haviam indicações do sal marinho no tratamento da tisica, tratamento que só muito mais tarde a escóla official adoptou com o exclusivismo que ella costuma ter para com as medicações novas.

Antes da sua *Doutrina das molestias chronicas* Hahnemann havia já encerrado em dois pequenos volumes os resultados das suas experiencias. (1805.)

Estes dois volumes foram: *Contribuição sobre a força positiva dos medicamentos observados no corpo são: — in sano corpore observatis;* e *A medicina da experiencia,* critica á qual seria ainda hoje difficil responder com successo, diz Simon.

De 1805 á 1810, publicou elle a primeira edição do *Organon da arte de curar.*

Em 1811 sahiu o primeiro volume da *Materia Medica pura,* vindo o ultimo á luz em 1821.

Em 1835 Hahnemann chegou á Paris, onde practicou a homœopathia com um successo immenso.

Falleceu, como já disse, em 1843.

Desde este tempo os homœopathas francezes celebram o anniversario da sua morte com um banquete. O anno passado seu corpo foi transladado para um tumulo digno dos seus grandes serviços á medicina e á humanidade, obra levada á effeito pela gratidão dos seus discipulos em todo mundo espalhados.

Saudemos, terminando, os luctadores que continuaram e engranderam a sua obra, contando apenas com o poderoso esforço da vontade, que tudo vence, quando impellida por uma fé profunda e inabalavel.

. . . .

Feita a difficil prova do tempo, a certeza da victoria está garantida.

Avante.

